



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**ROSA ASSANATU BALDÉ**

**OS ANIVERSÁRIOS DE FERNANDO PESSOA:  
CRÍTICA À CIVILIZAÇÃO NA POESIA DOS HETERÔNIMOS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**ROSA ASSANATU BALDÉ**

**OS ANIVERSÁRIOS DE FERNANDO PESSOA:  
CRÍTICA À CIVILIZAÇÃO NA POESIA DOS HETERÔNIMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB como requisito básico para a conclusão do curso Letras - língua portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

B147a

Baldé, Rosa Assanatu.

Os aniversários de Fernando Pessoa : crítica à civilização na poesia dos heterônimos / Rosa Assanatu Baldé. - 2019.

54 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

1. Civilização - Na literatura. 2. Poesia - Aspectos sociais - Portugal. 3. Poetas - Aspectos psicológicos. I. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 860.092

**ROSA ASSANATU BALDÉ**

**OS ANIVERSÁRIOS DE FERNANDO PESSOA:  
CRÍTICA À CIVILIZAÇÃO NA POESIA DOS HETERÔNIMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB como requisito básico para a conclusão do curso Letras - língua portuguesa.

Aprovada em: 01/04/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edma Cristina Alencar de Gois**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizia Cristina Ferreira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Primeiramente agradeço a minha mãe Augusta Malú, por ser a melhor mãe do mundo e meu pai Amade Baldé e quero dizer que hoje é o dia mais feliz da minha vida, porque finalmente estou realizando um grande sonho, que muitas vezes parecia tão distante. Lutei bastante para que este sonho tornasse possível!

Dedico este trabalho a todos que lutam por um mundo mais justo e igualitário e às pessoas com quem convivi na Unilab ao longo desses anos. As experiências adquiridas, conhecimentos e as diversidades compartilhadas com amigos, todo sacrifício, todo o esforço valeu a pena, porque através dessa luta, descobri o verdadeiro significado da vida e que foi a melhor experiência da minha formação acadêmica.

Pessoas que me ajudaram a concluir essa jornada até o fim, quero dizer que cada um de vocês onde quer que estejam vão estar sempre no meu coração, que todo o amor, carinho, respeito e admiração que eu sinto por cada um vai estar sempre comigo.

Muito obrigada por tudo, eu amo vocês (Família SOS).

## RESUMO

Este trabalho visa analisar as ligações entre a obra literária de Fernando Pessoa e a modernidade por ele vivida. Para a compreensão do trabalho é preciso esclarecer como Fernando Pessoa concebeu os heterônimos que são poetas, dando características próprias e estilos diferentes. Esses heterônimos são seus contemporâneos dessa virada secular do século XIX para o século XX, e que têm a sensibilidade intelectual e artística voltada para uma crítica à ideia de civilização. Nesta pesquisa, buscamos esclarecer alguns pontos da teoria psicanalítica acerca da concepção freudiana de civilização e entender, a partir dos textos, como Freud concebeu as relações do indivíduo com a sociedade, ao questionar por que a felicidade é tão difícil. Para isso, faremos uma análise de alguns poemas dos principais heterônimos escritos em dias de aniversário, considerando suas peculiaridades e divergências acerca de sua individualidade e das imposições da vida social.

**Palavras-chave:** Civilização - Na literatura. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Crítica e interpretação. Poesia - Aspectos sociais - Portugal. Poetas - Aspectos psicológicos.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the links between the literary work of Fernando Pessoa and the modernity he lived. For the understanding of the work it is necessary to clarify how Fernando Pessoa conceived the heteronyms that are poets, giving their own characteristics and different styles. These heteronyms are his contemporaries of this secular turn of the nineteenth century to the twentieth century, and who have intellectual and artistic sensitivity turned to a critique of the idea of civilization. In this research, we seek to clarify some points of psychoanalytic theory about the Freudian conception of civilization and to understand, from the texts, how Freud conceived the relations of the individual with the society, when questioning why happiness is so difficult. For this, we will analyze some poems of the main heteronyms written on birthday days, considering their peculiarities and disagreements about their individuality and the impositions of social life.

**Keywords:** Civilization - In the literature. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Criticism and interpretation. Poets - Psychological aspects. Poetry - Social Aspects - Portugal.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>CAPITULO I: O POETA FERNANDO PESSOA</b>	14
2.1	FERNANDO PESSOA - DADOS BIOGRÁFICOS	16
2.2	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: O TEMPO EM QUE VIVEU FERNANDO PESSOA	19
<b>3</b>	<b>CAPITULO II: OS HETERÔNIMOS E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO</b>	22
3.1	O CONCEITO DE CULTURA	26
<b>4</b>	<b>CAPITULO III: ANÁLISE DOS POEMAS DOS ANIVERSÁRIOS</b>	28
4.1	ALBERTO CAEIRO	31
4.2	RICARDO REIS	37
4.3	ÁLVARO DE CAMPOS	42
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	50
	<b>REFERÊNCIAS</b>	53



## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de letras, sempre fugi de um rumo único, alguns acham que este caminho seria errado, incoerente e até mesmo irresponsável. É óbvio que discordo dessas alegações e o faço com esta monografia em mãos, sem a intenção de provar que estou certa ou errada, afinal de contas a maior lição que aprendi ao longo deste curso é o quanto é tênue a linha entre “certo” e “errado” e que tudo depende do ponto de vista do autor, e de uma série de variantes que envolvem a literatura e fazem dela um campo repleto de opiniões, tornando-a tudo, menos algo estático ou morto, como algumas pessoas costumam considerá-la.

Se as palavras tivessem sempre um sentido óbvio e único, não haveria literatura, não haveria mal-entendido e controvérsia. Se as palavras tivessem o mesmo sentido e indicassem diretamente as coisas nomeadas como seria possível a dúvida, a mentira ou a diversidade de opiniões? (CHAUÍ, 1995, p. 119)

O caminho para esta monografia iniciou-se a partir de uma paixão pela literatura, além de meu especial fascínio pela obra poética de Fernando Pessoa. As diversas sensações que a leitura de suas poesias sempre provocou em mim transformou essa temática em algo de irresistível apelo. No entanto, ainda havia algo para que todo este trabalho tivesse início: Coragem! Havia medos a vencer.

Por mais que quisesse prosseguir, a maioria das pessoas dizia ser impossível. Perguntavam-me o porquê da escolha de Fernando Pessoa se temos tantos autores que escreveram sobre histórias que dizem respeito ao meu país, Guiné-Bissau.

Nesse momento, enfrentei grilhões tão ferrenhos que quase desisti. Entretanto, foi com o apoio de alguns professores (a minoria, para ser sincera!) que iniciei este projeto, investigando arte poética de Fernando Pessoa, ou seja, sua composição heteronímica genial, de modo a compreender, assim, como se dá esse processo a heteronímia.

A literatura está em todos os lugares, e para mim é este um de seus mais fascinantes encantos. Entretanto, o verdadeiro problema não consiste em justificar o uso da poesia como documento de pesquisa literária, mas sim conceituar o que é modernismo no qual o poeta participou ao longo da sua carreira poética.

Antes de explicitar considerações sobre o que vem a ser modernismo, cabe aqui uma importante distinção: “Modernismo” não é o mesmo que “Modernidade”. Em realidade, o moderno está dentro da modernidade. O chamado “Movimento moderno” ou “Modernista”, na

arte literária, caracteriza-se pelo rompimento com o movimento anterior denominado simbolismo<sup>1</sup>.

“Com efeito, o modernismo enquanto designação dum período que a si mesmo se referêcia num campo que é afinal projetivo, representa na história da literatura um momento de correspondência à consciência duma ruptura total”<sup>2</sup>.

E, mais especificamente, sobre o movimento modernista português:

Se prestarmos atenção à evolução da nossa literatura nestes últimos anos verificamos que nela não são raros os momentos ou movimentos que se empenham numa muita viva vontade de transformação ou inovação. De acordo com Fernando Pessoa os términos e inícios dos movimentos literários “representam novidade, quer no seu íntimo conteúdo, quer em sua expressão ou modos dela”<sup>3</sup>.

Sua obra será considerada, aliás, gênese do modernismo em Portugal, ao menos em se tratando da ruptura consciente com o século XIX, cujo representantes oscilariam entre o alheamento ao progresso civilizacional com uma vertente romântica/simbolista e um cientificismo materialista.

De modo geral, a literatura moderna tem como intuito principal romper com uma série de condutas que a restringiam em relação ao tratamento de certos temas que para a geração moderna não faziam mais parte da realidade que os cercava.

A literatura portuguesa tem como marco da decadência do simbolismo e ascensão do modernismo com o lançamento da revista *Orpheu*, que, além de Fernando Pessoa, contou com outros autores.

As pessoas que pertencem a seu tempo não possuem a mesma mentalidade. Assim, somente artistas com a sensibilidade de Pessoa e seus parceiros da *Orpheu* foram capazes de forma mais espontânea as mudanças que foram surgindo e se estabelecendo.

O artifício literário da heteronímia liga o poeta e sua obra aos paradigmas de sua temporalidade. É fato notório que diversas pessoas crêem que as peculiaridades em torno dessa técnica utilizada por Fernando Pessoa são produtos de desordens mentais.

O intuito aqui não é levantar uma discussão sobre sua sanidade, mas sempre perguntei-me como era possível um autor ser vários e tão diferentes poetas.

---

<sup>1</sup> Simbolismo português foi marcado por um intenso subjetivismo e individualismo por parte do poeta que utilizava em suas composições artísticas elemento que provocassem sensações no leitor. Esta característica permanece na poética de Fernando Pessoa através do sensacionismo, em que utiliza as sensações como recurso artístico para montar a realidade por ele idealizada.

<sup>2</sup> LIND, George e COELHO, Jacinto. Páginas de estética e teoria literária. Lisboa: Estudos Portugueses. 1994.

<sup>3</sup> LIND, George Estudos sobre Fernando Pessoa, Lisboa Estudos Portugueses. 1988

O próprio Fernando Pessoa perguntou-se, retoricamente, em uma correspondência a Casais Monteiro, sobre a gênese dos heterônimos, como poderia escrever em nome de três outros poetas. A resposta foi a seguinte:

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (o meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que alias em muitas coisas se parece com Alvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio (PESSOA, 2012, p. 280).

Entretanto, mesmo com a resposta dada pelo próprio Fernando Pessoa, assim como suas extensas explicações sobre o fenômeno da despersonalização, descobri que nunca se poderá saber as respostas ao certo. É fato que é muito tênue a linha que separa a loucura da genialidade, o que me leva a concluir que Pessoa foi ambos; foi plural!

Foi pensando assim que Fernando Pessoa, mesmo que ficcionalmente, criou suas realidades e mostrou artisticamente o clima que envolveu toda a humanidade que, junto dele, experimentou as delícias e decepções da modernidade, assim como mostrou o quanto não poderíamos ser mais um só.

É na ficcionalidade e com seus credos e verdades que o poeta ao menos tenta achar as respostas que procura, revelando em suas poesias o mundo que ele vê ou a realidade que ele quer que vejamos.

É sempre bom frisar que Fernando Pessoa diz ser o poeta “um fingidor”. Sendo assim, temos reservado o direito de escolher entre duvidar desse poeta ou acreditar nele. Dessa forma, com todo esse espírito, um tanto crítico em relação aos rumos que a humanidade tomou e vem tomando, que conduzo toda a pesquisa aqui elaborada, sem apelar para um tom nostálgico e nutrindo a esperança de que trilharemos algum caminho em que progresso seja menos cruel.

Não acredito em utopias, apenas tenho fé na humanidade, item que faltou, e muito, à maioria dos artistas e pensadores que, junto com Fernando Pessoa, estavam mergulhados na caótica modernidade. Não podemos condená-los ou podemos?

Para o crítico literário e poeta Octavio Paz (1982), “os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia”, título de uma de suas obras. O autor ainda completa com a afirmação a respeito de Pessoa: “Nada em sua vida é surpreendente, nada, exceto seus poemas”.

Tais afirmações desconstruem a velha prática de se estudar a obra pelo autor e sua vida. A proposta de Octavio Paz assenta sua perspectiva, sobretudo, na idéia de que a obra pode muito

bem desvencilhar-se do poeta e refletir outros caminhos que nada refletem a trajetória de vida do autor.

Todo e qualquer estudo sobre um artista e sua arte implica um dilema nada tranquilo para autor de um estudo, sobretudo quando o artista é um artífice das letras e imprime a poesia como sua obra de arte. Assim sendo, cabe questionar: é preciso realizar uma biografia do poeta, ou seja, um estudo detalhado sobre a vida dele e o tempo em que viveu para que haja um estudo coerente sobre essa temática e seu objeto de estudo.

Como já se pode notar, sua vida foi dedicada à satisfação de suas curiosidades, ampliação constante de sua carga de saberes e de sua vocação de escritor. Esse estilo de vida, julgado, por vezes, como monótono, foi a escolha deste poeta que viveu os prazeres e desprazeres de ser não apenas um, mas, no mínimo, quatro sobre os quais vou me aprofundar ao longo deste trabalho

O recorte, aqui, por poemas escritos no dia de aniversário dos heterônimos ressupõem um elemento relevador sobre crítica à civilização. Visa uma reflexão sobre a infância perdida do poeta, ou seja, o dia de aniversário como sabemos é o dia muito especial para celebrar a conquista, uma chance de mais um ano de vida e nascimento.

Trata-se essencialmente de um dia que a pessoa quer ser feliz e alegre, passado na companhia das pessoas que nos são mais queridas e importantes, abrindo-se como uma oportunidade de se fazer algo que não conseguiu fazer durante anos atrás.

Por outro lado, o aniversário é o momento que trás o sentimento nostálgico, lembranças do passado, de reviver que se passou ao lado das pessoas que hoje não se encontram no mundo dos vivos. Aniversário é o momento em que paramos para repensar dos lugares onde nascemos, onde demos os primeiros passos e entender o mundo cheio de complexidades, de modo a trazer as lembranças dos amigos, das brincadeiras, da escola e dos lugares que deixam boas lembranças.

Traz também uma ideia de amadorecimento da sua vida intelectual ou profissional, esperanças de um futuro melhor, de realizar os sonhos e atingir os objetivos. Ao mesmo tempo é o momento de medo de amanhã, medo de enfrentar um futuro que está nebuloso, de perder pessoas que amamos, medo dessa vida que cada dia fica difícil de entender, que se configura como um momento de crise existencial e reflexão.

Por isso, a data de aniversário permite uma profunda reflexão a respeito sobre o que fazemos das nossas vidas até o presente momento, o que mudou e o que gostaríamos de ter feito, os arrependimentos etc. Enfim, é uma data de revisão da própria existência, que serve para refletir, expresar os nossos sentimentos sobre a vida, as escolhas, as renovações.

A razão da escolha dos poemas de aniversário é essa, pois se trata de textos que buscam direta ou indiretamente uma profunda reflexão sobre a condição do ser humano, afinal as datas do aniversário são momentos de refletir sobre o passado e o futuro.

Portanto, se a obra de Fernando Pessoa quase sempre pode ser vista sob o signo do deslocamento, esse “mal estar na civilização” é ainda mais agudo em datas como a do aniversário, pelas razões já apresentadas.

Conclui-se, dessa forma, que Fernando Pessoa e os heterônimos elaboram uma refinada crítica à sociedade moderna a partir do que se chamou, neste trabalho, de crítica à civilização, uma vez que o poeta recorre aos produtos civilizacionais, como a metafísica e as máquinas, para elaborar sua reavaliação crítica. Como poeta da modernidade, expressa-se pelo cansaço advindo de uma sociedade industrial, à beira da falência, que terá seu cume na grande depressão de 1929.

## 2 CAPITULO I: O POETA FERNANDO PESSOA

Fernando Antonio Nogueira Pessoa foi um dos mais importantes poetas da literatura e figura central do Modernismo<sup>4</sup> português. Poeta do século XX, uma das personalidades mais complexas e representativas da literatura europeia do início do século XX. Cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”<sup>5</sup>, suas inquietações, sua solidão e seu tédio.

Nos anos de 1920 o poeta publicou a revista *Athena* e participou de várias outras. Fernando Pessoa passou a ser venerado pelos jovens editores da revista *Presença*, que virou nos anos seguintes a principal revista literária portuguesa. As revistas sempre tiveram uma importância muito grande na vida de Fernando Pessoa, pois foi através delas que conseguiu publicar seus textos. Frequentava com regularidade a sala de leitura da Biblioteca Nacional e impunha a si próprio as diárias leituras de uma obra de “filosofia” (PESSOA, 1992).

Entretanto, não só de leituras solitárias vivia Fernando Pessoa, o intercâmbio de ideias com outros pensadores, seja pessoalmente nos bares de Lisboa ou por meio das várias correspondências trocadas com personalidades de diversas áreas, o que foi fundamental para sua formação e produção intelectual.

Fernando Pessoa tinha uma grande admiração pela Renascença Portuguesa, surpreso por um inesperado entusiasmo vindo da parte de alguém que tinha uma outra cultura e prometia vir a ser um crítico “inteligente, informado e sensível”, os homens da Renascença Portuguesa abrem o Fernando Pessoa as páginas escolhidas de *A Águia* (PESSOA, 1992).

Durante a existência da revista *Presença*, dos amigos José Régio, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, todo o material enviado por Fernando Pessoa era publicado. Esses amigos foram os primeiros a reconhecer a genialidade do poeta Fernando Pessoa.

Nos anos que colaborou na revista *Presença*, Pessoa alimentou várias polêmicas, assinando dezenas de textos como os pseudônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares etc.

Fernando Pessoa cedo se revelou ser uma criança estranha, solitária e que gostava do misterioso e do fantástico. Além da sua vida, viveu também a de inúmeros personagens imaginários que criou. Homem, poeta e filósofo, partiu em busca de outros mundos, procurou

---

<sup>4</sup> Modernismo estético de vanguarda, iniciado pela geração Orpheu (segunda década do século XX), no qual a literatura aparece associada às artes plásticas e é por elas influenciada. Tal movimento surgiu com imperativo de levar a poesia trilhar.

<sup>5</sup> A fragmentação do “eu” de Fernando Pessoa resulta da constante procura de resposta para o enigma do ser, aliada à perda de identidade.

seguir todos os caminhos, tentou nos mostrar o olhar primitivo, o olhar puro do homem face a si próprio e também a primeira das liberdades: a de imaginar

Fernando Pessoa vai inventar autores, ele não escreve a partir dele, ele inventa poetas que tem estilo de vida absolutamente diferentes muito diferente de um dos outros e que tem esse conteúdo metafísico. Duas palavras que eu acho que são muito importantes para entender essa trama ficcional que pra mim é fantástico é o conceito de heteronímia que ao longo do trabalho vou trazer explicitamente.

Outra expressão que Pessoa vai usar para isso é de “ultramento”, de ultrar-se, que nada mais é do que ser capaz de se tornar outro. Por outro lado, é o substantivo que ele inventa para dar conta dessa capacidade de ser outro, de vir a ser outro, quer dizer, de se desprender da sua identidade, da sua suposta personalidade prévia e ser capaz de pensar, funcionar, exercitar, ser outro.

Fernando Pessoa contradiz a ideia de uma essência, o que coloca a lógica aristotélica em suspensão, porque a essência é aquilo que permanece fiel a si mesmo e ele vai mais fundo quanto mais ele é capaz de ser outro. Além disso, uma coisa é como o Fernando Pessoa vai aparecendo aos poucos para o público, a despeito de a produção poética dele ser imensa, sendo muito maior do que aquela que ele conseguiu publicar.

Assim, Fernando Pessoa sente que os heterônimos habitam dentro de si, sente os seus estados de alma e as suas emoções e escreve em seu nome, de modo que, desde então, tornou-se o poeta dos poetas.

Desde criança tinha já tendência para criar à minha volta um mundo fictício, para me rodear de amigos que nunca existiram... Esta tendência para criar outro universo à minha volta continuou a visitar frequentemente a minha imaginação. Foi assim, que fiz vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje ouço, vejo e sinto e de quem tenho muitas saudades<sup>6</sup> (PESSOA, 1992, p.754).

Foi por meio de suas produções artísticas ele provou que apenas uma vida não basta, e que a imortalidade é possível através da obra de arte.

---

<sup>6</sup> Saudades que Fernando Pessoa sente é do tempo de Orpheu, saudade imensa que nem o Fernando Pessoa consegue explicar com palavras. Porque Orpheu foi, o momento mais especial da vida de Fernando Pessoa foi ali que ele conseguiu ter amigos de verdade “quando os amigos eram todos da arte” quando a partilhava com “irmãos em pseudo”; da cooperação quando se abria muito para além da literatura. A hora dá aos poemas do “mestre” Alberto Caeiro. Aquela em que surgem as grandes composições de Álvaro de Campos, muitas das odes de Ricardo Reis, tantas das poesias, portuguesa ou inglesa, que o nome de Fernando Pessoa subscreve (FERNANDO PESSOA, Obra Poética 1992; P.28).

## 2.1 FERNANDO PESSOA - DADOS BIOGRÁFICOS

Fernando Antonio Nogueira Pessoa nasceu no dia 13 de Junho de 1888 na cidade de Lisboa, em Portugal, filho de um funcionário, Joaquim de Seabra Pessoa, que foi crítico musical e do teatro de Ópera de São Carlos, (Lisboa) e de D. Maria Madalena Nogueira Pessoa. Fernando Pessoa tinha ascendência de cristãos-novos de avô paterno<sup>7</sup>, um inteligente e culto jornalista, além de crítico literário. (PESSOA, 1992, p. 43)

Ao longo de sua vida produziu várias obras literárias, destacando-se as poesias, que formam o cerne de sua existência. Morreu em Lisboa no dia 30 de Novembro de 1935, aos 47 anos, sendo a causa de sua morte o excessivo consumo de álcool com diagnóstico de “cólica hepática”. Nos últimos momentos da sua vida clama pelos seus heterônimos, em inglês, a sua última frase: “I know not what tomorrow will bring” (Não sei o que amanhã trará).

Órfão de pai aos cinco anos de idade, dois anos depois sua mãe casou-se com o comandante militar João Miguel Rosa, que foi nomeado cônsul interino de Portugal em Durban (África do Sul), para onde a família mudou quando Fernando Pessoa tinha 7 anos.

O poeta fez os seus estudos na Universidade do Cabo de Boa Esperança (1903-1904), vivendo por dez anos junto com a sua mãe e o seu padrasto, e modo que recebeu toda a sua formação escolar nos padrões ingleses. Em 1905 voltou definitivamente para Lisboa, não concluindo formação acadêmica alguma, tendo se matriculado no curso superior de Letras, o qual abandonou em apenas um ano. Pode-se dizer que academia para Fernando Pessoa não foi compatível com sua visão, sobretudo porque a divisão do saber do chamado ensino superior não era algo que almejava e tão pouco concordava.

As primeiras publicações de Fernando Pessoa coincidem com o início da República em Portugal, em 1910. Neste período, o poeta encontrou o país mergulhado numa grave crise política que resultou na queda da monarquia. Dois anos mais tarde o poeta já colaborava na revista *A Água*, da cidade do Porto, na qual escrevia sobre literatura com forte assento nacionalista.

A partir de 1915, Pessoa e seu grupo criaram a revista *Orpheu*. A ideia da criação da revista foi de Fernando Pessoa, que reuniu os escritores Mário de Sá Carneiro e Almada-

---

<sup>7</sup> “O General Joaqui Antônio de Araújo Pessoa, natural de Tavira, Algarve, alistado aos quinze anos nas tropas liberais, após ter fugido as perseguições que os miguelistas moveram à sua família. Foi uma curiosa figura do liberalismo, desinteressado, íntegro, e até o fim de sua vida defensor dos ideais políticos e humanísticos por que se batera” (PESSOA, 1992, p. 44).



Negreiros, com colaborações de Luís de Montalvor, Ronald de Carvalho (este do Brasil) e pintor Santa Rita<sup>8</sup> (PESSOA, 1992, p. 22).

A revista foi porta-voz dos anseios futuristas do grupo, defendendo a liberdade de expressão numa época em que Portugal atravessava uma profunda instabilidade político-social da Primeira República. A revista *Orpheu* teve vida curta, mas, enquanto durou, Fernando Pessoa publicou poemas que escandalizaram a sociedade conservadora da época. Os poemas “Ode Triunfal” e “Opiário”, escritos por seu heterônimo Álvaro de Campos, provocaram reações violentas, levando os “orfistas” a serem apontados, nas ruas, como “loucos” e “insanos” (PESSOA, 1992).

Entre 1902 e 1908, Fernando Pessoa escreve apenas em inglês, quando tinha 20 anos passou a escrever novamente em português, sua vasta obra foi também mostrada na revista literária “Presença” (1927), que sustentava a liberdade de expressão e pregava a emoção estética como o real objetivo do Movimento Modernista. Posteriormente, o poeta buscou aprofundar essas perspectivas, mas com grande influência da psicanálise freudiana ao definir a valorização de aspectos psicológicos, intuitivos e de criatividade individual.

Conforme Pessoa (1992), Fernando Pessoa tem obra poética enorme e ele publicou muito pouco de tudo que ele produziu. O que ele publicou foi uma série de poemas assinados no seu próprio nome, além de alguns assinados com heterônimos: Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e vários outros, contudo nem todos tiveram força. Os principais – Caeiro, Reis e Campos – são os únicos que foram efetivamente publicados.

O livro *Mensagem*, composto por 44 poemas, é o único volume publicado em vida por Fernando Pessoa em português, e com qual concorreu ao Prêmio do Secretariado Nacional de Informação de Lisboa, em 1934. Como é que o Fernando Pessoa vai publicar isso?

Na época, os modernistas precisavam encontrar canais alternativos para aquela poesia tão diferente a ser veiculada, por outro lado, eles formavam os grupos, organizavam publicações, localizavam revistas. Muito do que se sabe sobre Fernando Pessoa só se sabe porque depois da morte dele aos poucos esse material ela foi tornando acessível para os estudiosos.

Fernando Pessoa foi vários poetas ao mesmo tempo, criou biografias diferentes para todos os seus heterônimos, cada uma com seu estilo, traços diferentes de personalidade, suas

---

<sup>8</sup> Os nomes acima citados fazem parte da chamada “geração Orpheu” por causa da revista por eles assinado que possuiu o mesmo nome. Esta é considerado o marco do modernismo em Portugal, mas deve ser relativizado, pois já havia produções em Portugal com as características do chamado movimento modernista. Desta forma como todo marco histórico, esta também deve ser questionado e visto como um marco para fins didáticos, nunca se esquecendo de todo o processo de tensões que resultaram na constituição deste marco.

influências e, em certos casos, até mesmo sua filosofia de vida. Os poetas não são pseudônimos e sim heterônimos, isto é, indivíduos diferentes, cada qual com seu mundo próprio, representando o que angustiava ou encantava seu autor.

Primeiro aparecem os poemas de Fernando Pessoa, depois os de Álvaro de Campos. Dez anos depois, na revista *Athena*, aparecem os poemas de Ricardo Reis e finalmente os de Alberto Caeiro. Quando aparece Caeiro, o Ricardo Reis vai dizer que é o discípulo do Alberto Caeiro. Na verdade, Caeiro aparece como um poeta já morto que não teria publicado nada em vida e que teria deixado os seus poemas sobre a responsabilidade de Ricardo Reis, que se diz discípulo e amigo íntimo de Caeiro (Pessoa, 1992).

O poeta Ricardo Reis é quem será o responsável pela publicação dos poemas de Alberto Caeiro, então começa aparecer aos poucos os poemas de Alberto Caeiro em alguns números de *Athena*, depois mais tarde aparecem mais poemas em *Orpheu*. Além da publicação desses poemas, houve a publicação de texto teóricos.

Oficialmente aparece então Álvaro de Campos e Fernando Pessoa em *Orpheu*, depois aparece Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro na *Athena*, depois aparecem todos eles de novo, na *Presença*.

Mais tarde, perto de sua morte, Fernando Pessoa escreveu na *Presença* um texto complicado, um histórico de apresentação de Fernando Pessoa na revista. As pessoas não sabiam de nada, quem sabia dessa trama toda eram pessoas muito próximas do poeta (PESSOA, 1992).

Pessoa fez questão de seguir dentro dessa trama que era uma trama fictícia que ele só resolveu assumir publicamente, contudo Fernando Pessoa demorou a revelar isso para o público, mantendo o jogo ficcional em segredo, até que uma dada hora ele percebe que parte da graça estava na ficção que ele armou.

Como Fernando Pessoa utilizou-se de vários heterônimos para falar mas um pouco de sua vasta obra, já tão lida e estudada pela crítica, optou-se por um recorte temático de sua poesia. Três dos heterônimos de Pessoa se destacaram pela maestria do estilo e pela singularidade de composição na união desses elementos inventados por ele: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

Sabe-se que Fernando Pessoa datava muitos de seus poemas, de modo que, para fins de um recorte em sua vasta obra, como eixo de leitura e análise, selecionamos aqueles que foram escritos no dia de seu aniversário, 13 de Junho de 1888, assim como no dos heterônimos.

## 2.2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: O TEMPO EM QUE VIVEU FERNANDO PESSOA

Fernando Pessoa viveu em uma Portugal inflamada por desavenças e discórdias, o início do século XX corresponde a um período de grande instabilidade político-social na Europa, onde ocorreram inúmeras manifestações artísticas e literárias. Foi uma época de grande insatisfação, uma ruptura com o desenvolvimento do século XIX.

As tensões sociais mais típicas desse período ocorreram entre a grande burguesia (associado ao capitalismo estrangeiro, ao clero e à monarquia), de modo que o clero continuava a ter o grande peso ideológico na vida do país, apesar das grandes restrições que lhe foram impostas pelos governos republicanos.

Portugal e o mundo viveram momentos de tensão política e social, durante 1ª Guerra Mundial de 1914, além das sérias dificuldades econômicas que o país vinha enfrentando na época, a grande burguesia financeira, politicamente conservadora, continuava a ser a força econômica dominante do país. Surge então em Portugal o movimento modernista, que toma vulto a partir da revista *Orpheu*, em 1915.

É importante ressaltar que quando se fala aqui em modernidade alude-se ao conjunto de transformações técnico-filosóficas que incidirão na sociedade e no sujeito de maneira mais decisiva a partir do século XIX, sobretudo após a Segunda Revolução Industrial; a ascensão da burguesia, com a aceleração do capitalismo; a urbanização das cidades modernas; as descobertas científicas, especialmente no campo das ciências naturais.

Os filósofos desqualificaram a poesia o afirmar que para ela ter algum valor teria que obedecer à filosofia, de maneira que ela teria que se submeter à filosofia em vários sentidos: moralmente; ela vai ter que dar o serviço da moral que a filosofia prescreve, aproximando-se de uma visão do mundo que algumas correntes filosóficas ensinam, em que o papel da poesia é retratar a realidade tal como os filósofos de certa maneira acreditavam como deveria ser a poesia.

Esse gesto apareceu com Platão e se prolonga com Aristóteles. É importante falar disso porque Fernando Pessoa quando vai fazer a poesia dele vai fazer um manifesto “por uma poesia não aristotélica”. A heteronímia é o processo de criação que Fernando Pessoa utiliza para a elaboração de sua obra literária e questionamento da modernidade, ou seja, da realidade que vivia.

Em fins do século XIX, um ambiente de questionamento se instaurou diante dessa autoridade que a filosofia forjou. Essa superioridade da filosofia com relação à poesia vai ser relativizada, sendo questionada por alguns autores modernistas.

Esses poetas afirmam que os filósofos não têm essa autoridade pra dizer o que eles têm de fazer, de modo que cabe à própria poesia descobrir, investigar. Então, a arte modernista, assim como a poesia modernista, vem um pouco disso, vem um pouco desse tipo de estímulo. É por isso que os poetas modernistas são muito teóricos.

Eles vão de certa maneira rechaçar toda teoria filosófica que de certo modo subordinou a poesia a essa visão de mundo, quando se dedicam a pensar, a discutir o próprio trabalho e a construir a uma outra visão do mundo, ou seja, retomar uma relação que a poesia tinha com a vida, com o pensamento. O que a gente colocou até aqui em certo sentido é um gesto que Fernando Pessoa vai chamar de gesto “anti-metafísico”, um gesto que vai criticar a filosofia metafísica.

Por outro lado, pretendo entender é como que Fernando Pessoa conseguiu enfrentar esse problema, qual foi a estratégia dele ao apresentar sua poesia. Assim, o primeiro elemento que ele suspende é o tal de sujeito idêntico a si mesmo, a figura do autor consciente, estável, concentrado na consciência, ele mesmo começa eliminando isso, ou melhor, ele parte disso. Então é difícil dizer o que é o pensamento do poeta, já que não é possível dizer algo definitivo sobre o que é a poesia de Fernando Pessoa.

Com o lançamento da revista *A Águia*, Fernando Pessoa vinha com a proposta do saudosismo, um resgate através da literatura dos anos sublimes de Portugal; esse grupo de jovens escritores que pensava de uma forma saudosista, liderados por Fernando Pessoa, começou contudo a pensar diferente e buscar expressões modernas (PESSOA, 1992).

A revista foi publicada com a iniciativa de Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Almada Negreiro, que na verdade tinham uma visão futurista<sup>9</sup>, que buscava romper com o padrão do passado, a revista buscou chocar e tinha, nesse momento, como o objetivo “escandalizar o burguês” (Pessoa, 1992).

Outros fatos que vinham correndo no período de 1914 foi o crescimento da industrialização, a teoria da relatividade, de Einstein, as teorias psicanalíticas que irão influenciar o modernismo, as transformações tecnológicas, a eletricidade, o telefone, o avião, o cinema etc.

Em 1915, com a publicação da revista *Orpheu*, além do que aconteceu um pouco antes de 1910 e o que veio acontecendo desde então, podemos chegar exatamente ao marco inicial do modernismo em Portugal.

---

<sup>9</sup> Futurista, está submetido ao sesacionismo que preside a filosofia de Fernando Pessoa como um todo e que tem a ver com esse gesto metafísica de recusar uma separação entre o pensamento e a sensação de reconduzir o pensamento no campo da sensação, isso aparece mais em Alberto Caeiro e que vai aparecer em todos os outros.

Por fim, a revista teve o encerramento pouco depois do suicídio de Mário de Sá-Carneiro em 1916. A revista encerrou, porém os pensamentos dessa primeira geração Orpheu se prolongaram, principalmente na obra de Fernando Pessoa.

### 3 CAPÍTULO II: OS HETERÔNIMOS E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

A partir dos poemas que foram selecionados, vamos mostrar como o poeta Fernando Pessoa e seus heterônimos refletem essa inadequação à ideia de cultura e civilização. Para isso, utilizaremos a obra *Mal-estar na civilização*, do Sigmund Freud, e *A ideia de cultura*, de Terry Eagleton.

A proposta é utilizar a obra de Freud para pensar o desconforto do poeta Fernando Pessoa sobre a cultura e a civilização ocidental. Para a compreensão desse trabalho, é importante esclarecer alguns pontos sobre a teoria psicanalítica acerca da concepção freudiana de civilização.

Freud escreveu o mais emblemático deles no ano da grande depressão em 1929, publicando no ano seguinte sob o título *O mal-estar na civilização*, em que constata a impossibilidade de o sujeito sentir-se feliz na civilização moderna.

Em *O mal-estar na civilização* sobre o qual escreveu Freud caracteriza-se, sobretudo, por um desconforto do sujeito na modernidade, e estará dinamicamente figurando na escrita de autores modernistas. Será com Fernando Pessoa que a crítica à civilização ocidental se expressará de maneira mais evidente.

Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud apresenta a tese e que a cultura ocidental produz o mal-estar nos seres humanos, visto que existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e as da civilização: “O que chamamos de nossa civilização é uma grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se abandonássemos e retornássemos às condições primitivas” (Freud, 2011. p. 31).

Freud não distingue civilização e cultura, pois define civilização como tudo aquilo que difere o homem da vida animal, o que afasta de sua natureza, da sua ancestralidade. Assim, as raízes da infelicidade humana se consistem do conflito entre instintos e cultura, e de como a sociedade se impõe sobre o homem.

Considerando o que foi dito, percebemos que o indivíduo não pode ser feliz em sociedade, por mais avanço tecnológico e científico que tenhamos, tanto que todo o avanço ocorrido não favoreceu para que o homem se tornasse mais feliz e tivesse mais prazer. Deixando claro que o propósito de vida civilizada não é a felicidade pelo prazer, mas sim pelo afastamento do desprazer ou, melhor ainda, a felicidade é de fato não passar pelo desprazer:

O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições.” Procuo constantemente realizar através da satisfação do prazer, mas isso é contrária as necessidades humanas. Em tudo que é

bom e prazeroso existe uma contrapartida, a necessidade de trabalho penoso e sofrimento instintivamente o homem não é adepto ao trabalho, mas é através da repressão social que o homem é obrigado a trabalhar (Freud, 2011).

Conforme a teoria de Freud, a sexualidade é o ponto fundamental na manutenção da civilização e reprodução da civilização, somente por impulsos sexuais são canalizados para o trabalho que a civilização pode existir. Tanto é assim que Freud colocou a culpa na repressão sexual que a sociedade de sua época mantinha sobre os impulsos sexuais, ocasionando, assim, muitos distúrbios psíquicos: “A felicidade constitui um problema da economia de libido do indivíduo” (Freud, 2011, p. 28).

Portanto, “outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanto flexibilidade” (Freud, 2011, p. 23).

Por outro lado, Freud fala sobre a respeito da religiosidade: a religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento.

De acordo com (FREUD, 2011) a religião teria sido uma das fontes de sublimação do prazer na civilização. Fernando Pessoa irá discutir esse autoritarismo no panteísmo de Caetano de Castro: “Deus para ele não está morto”.

Todo o indivíduo é inimigo da civilização já que em todos os homens existem tendências destrutivas anti-sociais e anti-culturais, a civilização trava uma luta constante contra o homem isolado e sua liberdade, substituindo o poder do indivíduo pelo poder da comunidade: “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização”.

Depois de olhar especificamente a religião, Freud amplia sua investigação sobre a relação entre civilização e miséria. Uma de suas principais afirmações é que “a civilização é responsável por nossa miséria” (Freud, 2011, p. 31).

Simplificando, Freud sente que os seres humanos não são biologicamente preparados para as condições alteradas da vida civilizada, já que se desenvolveram para lidar com um ambiente primitivo, em vez de um ambiente civil. A analogia de Freud à arqueologia ilustra sua experiência na literatura clássica e na história, mas também mostra a primazia da civilização ocidental ao seu pensamento, já que Freud considera a Roma antiga como a origem histórica da cultura e da sociedade (Freud, 2011, p. 12-14).

Diante disso, é possível entender que o mal-estar na civilização corresponde ao processo civilizatório que exige renúncia e, portanto, gera insatisfação, pois ocorre um conflito entre as

restrições da civilização e as exigências pulsionais, o que acaba sendo impossível de ser coordenado conjuntamente.

Freud enviou um livro seu para o amigo que considerava a religião como sendo mera “ilusão”. Em resposta, o amigo de Freud escreveu que considerava plenamente, porém lamentando que o pai da psicanálise não tivesse apreciado o verdadeiro fonte da religiosidade (Freud, 2011), pois, para Romain Rolland, a religião seria um sentimento “oceânico” e de “eternidade”, que causaria a sensação de inexistência de fronteiras ou limites.

Ao refletir sobre as considerações de Rolland, Freud considerou que este sentimento “oceânico” poderia ser vinculado a um impulso de se sentir com o mundo externo, como parte do todo. Com isso, que tal sentimento faria parte da natureza intelectual do ser.

Portanto, repassando a teoria do narcisismo, Freud vai dividir dois momentos de narcisismo: narcisismo primário, regulado pelo princípio de prazer; e narcisismo secundário, regulado pelo princípio de realidade.

Freud fala que no primeiro momento, o bebê não distingue o ego externo como fonte das sensações diversas. Aos poucos a criança descobre certas fontes de prazer, como também se depara com a perda de outros fontes agradáveis e prazerosas, como, por exemplo, “o seio materno” (NASCIMENTO, 2007).

A mãe é sentida como a extensão da criança, a um limite muito claro no adulto, o “eu” e o mundo exterior, a dentro do “eu” tem uma divisão muito clara que o Freud vai chamar de “Id” (Freud, 2011, p. 10).

Quando o Freud vai falar da passagem do narcisismo secundário “eu” e o mundo exterior, que é o reconhecimento do mundo externo do outro, Freud localiza então, esses “sentimentos oceânicos” que são o sentimento de intimidade e de unidade com o mundo.

Esses sentimentos estão justamente na passagem de um narcisismo a outro, ou seja, é um sentimento que a criança tem de unidade com o mundo que ele reconhece, o mundo como externo, mas está em intimidade com o mundo exterior e que pouco a pouco ela vai perdendo essa intimidade e se acostumando cada vez mais com o mundo externo (Freud, 2011, p. 15- 16).

Freud localiza esse sentimento “oceânico” justamente na transição do narcisismo primário para o narcisismo secundário. Por sua vez, o autor questiona a religião como sistema de crenças infantis, porque é um sistema que tudo explica, um sistema que tende a completar o sujeito e que tem explicação para tudo. Portanto, para Freud, esse tipo de sistema que não coloca nada em dúvida e que tudo explica é um sistema de crenças infantis.

Porém, é na infância que o indivíduo, regido pelo princípio de realidade, desenvolve um ego organizado. Esses princípios – conceituados como prazer e realidade – marcam a história



do homem civilizado. Como Freud observou, a civilização é a grande fonte do nosso sofrimento, devido à necessidade de a vida social ter de superar os objetivos primários.

Baseando-se nos pensamentos dos heterônimos sobre essa ideia de civilização, Alberto Caeiro reforça a postura do poeta dos sentidos, sem filosofias, sem metafísica, que tem consciência das coisas do jeito como elas são, sem rodeios ou artificialismo, pois compreende o mundo a partir dos seus sentidos e sensações. Vale lembrar que a metafísica, na visão aristotélica, leva em consideração as limitações humanas ante a dimensão transcendental.

A filosofia de Caeiro não quer partir da razão empírica para pensar o transcendente, tão pouco assumir suas limitações – ele é o poeta que sente o mundo, em contraste; Caeiro rebaixa o transcendente para a experiência humana terrestre.

“Poemas Inconjuntos” é um poema em que Alberto Caeiro vai fazer crítica à civilização ocidental, à maneira como o Ocidente impõe certo modelo de civilização, caso contrário você vai ser um grande pecador.

De acordo com Nascimento (2007), a invocação da natureza, com caráter bucólico, em Alberto Caeiro, mostra de certa forma a resistência a uma ordem civilizacional opressiva, estar à margem não por uma questão romântica de mero escapismo da realidade, mas porque o sujeito se vê como um fragmento em meio a multidão da cidade:

Falas de civilização, e de não dever ser, Ou de não dever ser assim.  
 Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos, Com as coisas humanas postas desta  
 maneira, Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.  
 Dizes que se fossem como tu queres, seriam melhor. Escuto sem te ouvir.  
 Para que te quereria eu ouvir? Ouvindo-te nada ficaria sabendo.  
 Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo. Se as coisas fossem como  
 tu queres, seriam só como tu queres.  
 Ai de ti e de todos que levam a vida  
 A querer inventar a máquina de fazer felicidade!<sup>10</sup>

Alberto Caeiro vai tentar quebrar um pouco a barreira acerca da civilização ocidental, mostrando que um homem civilizado não tem que oprimir um outro homem; cada civilização segue a linha íntima de uma religião que a representa; passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdê-las todas, vivemos todos os dias a busca da nossa felicidade, das nossas vidas, com isso, orientamos as nossas ações para uma meta que é a felicidade.

Caeiro ainda nos mostra que na vida não existe a “máquina de fazer felicidade”, como se fosse possível encontrar a felicidade apenas apertando o botão de uma engrenagem. Para Caeiro, é o ser humano que encontra sua própria felicidade.

---

<sup>10</sup> s.d. “Poemas Inconjuntos”. In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993) p, 76.

Álvaro de Campos exprime seu cansaço para com a civilização através de uma melancolia, e traduz a falta de um sentido para a vida e a necessidade de fuga pelo seu oposto, e prega nas odes em verso livre entusiástico, à maneira Wall Whitman, a sabedoria futurista, da energia mecânica, da vida jogada por aposta; ou então o anseio, mais witmaniano ou sensacionista, de sentir tudo de todas as maneiras.

Álvaro de Campos tem como missão exprimir a sensibilidade futurista através da construção de uma poética fundada na ideia de força. Foi bastante reconhecido e admirado como poeta futurista, sendo a “Ode Triunfal” exaltada como um ícone das linhas futuristas no seu louvor pela civilização industrial e mercantil, pelo fervor do desenvolvimento das coisas modernas, mas ele foi também reconhecido como um poeta com um poder de construção e de desenvolvimento ordenado de um poema só aparentemente desordenado (PESSOA, 1992).

Para finalizar, a psicanálise de Freud descobriu que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade impõe, em prol de seus ideais culturais. Conclui-se então que, se estas exigências foram banidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade (Freud, 2011, p. 32).

### 3.1 O CONCEITO DE CULTURA

Em *A ideia de cultura*, de Terry Eagleton, no capítulo intitulado “Cultura e natureza”, o autor faz uma abordagem sobre a existência de diferentes culturas e traz o “Ocidente” como o ponto da referência e “modelo” da civilização.

Eagleton (2011) faz uma relação muito interessante entre ser humano dotado de linguagem e os outros animais selvagens ou irracionais. Realmente as criaturas que utilizam uma simbologia são capazes de uma maior agressividade, ainda que por meio da ironia, do que os animais selvagens se agrirem fisicamente. Somos seres culturais e naturais.

A nossa constituição física não nos permitiria sobreviver neste mundo se não fôssemos dotados de uma cultura da qual dependemos de nascença, assim como dependemos das nossas mães; o mesmo não se passa com os outros animais, que também passam pela socialização, desde o nascimento, mas independentes relativamente a todo o meio envolvente: “As vidas humanas não são apenas determinadas pelas necessidades naturais ou materiais, mas por necessidades culturais que são muitas vezes mais persistentes que a natureza” (EAGLETON, 2011, p.140-142).

No entanto, num país conservador não há evolução política nem cultural, pois a natureza humana é a cultura. Apesar de fazermos parte de uma cultura e necessitarmos dela, o autor

mostra que uma cultura está em constante contato com outras, pode servir de exemplo, ou seja, modelo, e que não é algo fechado, mas aberto (EAGLETON, 2011).

A incapacidade de abstrair o nosso caráter animal e as necessidades naturais levam-nos a desenvolver uma política. O autor faz uma crítica aos norte-americanos: à sociedade egocêntrica e aos políticos que recorrem frequentemente a uma linguagem de divindade para justificar as suas obscuras ações (EAGLETON, 2011 p. 135).

Eagleton aborda ainda a semelhança entre religião e cultura. Segundo autor, o culturalismo surge em oposição ao naturalismo, critica também o fato de muitos homens não acreditarem nas Ciências da Natureza. O autor nos faz perceber ainda que, ao contrário do que se poderia pensar, cultura não nos desenvolve somente para a harmonia, mas pode nos levar à autodestruição. Da interação entre a cultura com a natureza surgem forças como a violência, desejo de vingança, paixão e domínio que nos podem “levar à escuridão” (EAGLETON, 2011).

Por fim, o autor defende que uma cultura só pode durar se for uma cultura de uma maioria e não uma cultura de minoria; no entanto, esta “cultura de massas” é inicialmente implantada por uma minoria, através da política. A cultura é abordada de modo diferente conforme as classes sociais pois os interesses são igualmente diferentes.

Eagleton faz uma abordagem crítica entre os conceitos de cultura defendidos por Eliot e por Williams. Para Williams, a cultura “em comum” resulta de uma participação ativa de todos, de uma sociedade, para quem “uma cultura comum nunca poderia ser inteiramente auto transparente por causa do grau de colaboração que supõe”. Já para Eliot, uma cultura comum não é construída de forma igualitária, já que “os valores em causa são os de elite existente e não sofrerão alterações significativas no processo de transmissão para o povo”.

#### 4 CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS POEMAS DOS ANIVERSÁRIOS

Seguindo a pesquisa sobre os heterônimos, afirmo que a obra literária de Fernando Pessoa é um documento notável da mudança de paradigmas e mentalidades na chamada modernidade e carregam consigo as características dessa nova realidade que se coloca diante de seus contemporâneos.

Dessa forma, a criação heteronímica e as técnicas utilizadas por Fernando Pessoa são traços da modernidade e seu impacto sobre a sensibilidade do poeta pertencente a esse período. E essa produção artística e intelectual de Fernando Pessoa foi, sem dúvida, o centro de toda sua vida; os heterônimos, seu grande projeto e êxtase pessoal.

Os heterônimos são considerados a grande criação estética de Pessoa e, ademais, conduzem-nos a uma profunda reflexão sobre a relação entre verdade e realidade e entre existência e identidade. Na verdade, entendemos isso melhor marcando a distinção entre heterônimo e pseudônimo.

Primeiramente, cabe dizer que o termo heterônimo não surgiu no mesmo momento em que foram criados Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Em nota presente no livro *A metafísica das sensações*<sup>11</sup>, de José Gil, temos a seguinte informação, retirada de uma correspondência de Fernando Pessoa a Fernando Lopes, datada de 26/4/1919: “Pessoa só cria o termo heterônimos alguns anos depois do aparecimento destes. Em 1919 ainda falava de Campos, Caeiro, etc. Como pseudônimos, embora lhes já características que mais tarde lhe atribuiria à heteronímia” (GIL, 1987, p. 205).

Fernando Pessoa deu uma biografia, uma personalidade e fez dessas personalidades autores com livros, ideias, emoções. Atribuiu um pensamento, um estilo, uma formação cultural, uma ideologia etc. que quase nos fazem acreditar que eles de fato existiram independentemente de seu criador.

Pseudônimo, contudo, é somente um nome falso. Devido a uma complexidade psíquica, estilística, um motivo qualquer, oculta-se a sua identidade empregando-se outro nome, embora a identidade seja preservada. No caso do heterônimo, porém, quem assina não se reconhece naquilo, não é mais o sujeito tal como ele é, sendo antes personagem a partir de si, que passa a existir como um outro. Portanto o heterônimo é esse nome associado ao personagem, atribuindo a eles um estilo, um pensamento, uma poética própria. Nesse sentido, toda a carga de sensações

---

<sup>11</sup> Ao falar sobre sensações, José Gil em realidade está falando sobre a concepção estética chamada *sesacionismo*, uma forma de se produzir artisticamente através da intelectualização das sensações. Esta concepção será tratada posteriormente sob a ótica de Álvaro de Campos.

trabalhada por cada heterônimo revela uma forma diferente de explorar os sentidos humanos sob diferentes olhares, situações e perspectivas.

Ao apresentar as biografias dos heterônimos, ele nos dá o cenário e as concepções para eles definidas, o que imprime a legitimidade necessária na produção de cada um deles; por isso a necessidade de se saber quais são as perspectivas e ideias defendidas por cada um destes diferentes personagens.

Os heterônimos são outros “eus” que carregam consigo identidades de sujeitos que compõem a realidade que os cerca. Com tais conceituações torna-se possível dizer que o heterônimo corresponde a outro escritor que não se confunde com ortônimo (que é ele mesmo), que também é um heterônimo cuja produção é assinada pelo próprio autor, ou seja, ele mantém sua identidade de fato (PESSOA, 1992).

Conforme Pessoa (1992), cada um dos heterônimos tem uma personalidade própria e possui características literárias diferenciadas, exprimindo um novo modo de ser e uma visão própria do mundo. Álvaro de Campos era um engenheiro português de educação inglesa, influenciado pelo simbolismo e pelo futurismo; Ricardo Reis era um judeu português monarquista e adotava o bucolismo em suas poesias; já Alberto Caeiro era um pagão que adotava a natureza, sendo mestre de Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

Caeiro é anti-metafísico e menos culto por isso escrevia poesias de maneira simples, direta e concreta, um homem da natureza, inteiramente desligado dos valores da cultura, embora também podemos citar o semi-heterônimo Bernardo Soares, o autor d’ O livro do desossossego. A distinção feita pelo poeta entre os heterônimos perfeitos e semi-heterônimos foi o seguinte:

Nos autores das “Ficções do Interlúdio” (Caeiro, Reis e Campos) não são só as ideias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica da composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada (PESSOA, 1992, p. 198).

O semi-heterônimo, por sua vez, pensa coisas diferentes, entende coisas diferentes, porém o estilo que não se distingue plenamente, de modo que afinal o autor Fernando Pessoa nele se reconhece.

Portanto, os heterônimos apresentam personalidades e características diferentes das de Fernando Pessoa, ao passo que o semi-heterônimo se assemelha ao próprio Pessoa, como é o caso de Bernardo Soares. Trata-se de um semi-heterônimo que Pessoa caracteriza como um ajudante de guarda-livros da cidade de Lisboa, de vida modesta, que lá permaneceu por toda sua vida sem feitos notáveis (PESSOA, 1992, p.198).

Como afirma o seu próprio criador, atribuiu uma personalidade diferente, distinguindo-se de Pessoa, suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não se distinguindo, contudo, de Pessoa pelo estilo de expor: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou menos o raciocínio e a efetividade” (PESSOA; Obra Poética, 1992, p. 756).

Posteriormente ele resolve inventar esse personagem e assina outro nome, começa a construir nesses personagens uma experiência de vida que tem uma relação de total coerência com aquele pensamento, com aquele estilo que não é o dele. Então ele começa a assinar como os poetas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

Inventa uma data de nascimento para eles, inventa uma história para eles, faz o mapa astral desses poetas. E não satisfeito com isso tudo, esses heterônimos têm uma relação, de modo que Pessoa resolve expressar poeticamente a relação que acaba criando entre eles.

A origem dos heterônimos surge em Fernando Pessoa como um traço fundo de histeria presente nele mesmo, caracterizando-se como despersonalização e simulação.

Pessoa conta que desde criança teve sempre a ideia de criar o mundo fictício em torno de si. Ainda pequeno, por volta de 1894, com apenas 6 anos de idade, que surgiu o seu primeiro heterônimo: Chevalier de Pas em que este escrevia cartas para Fernando Pessoa ele mesmo. Também nos apresenta uma memória ainda menos nítida de uma outra figura, caracterizada apenas pela rivalidade com Chevalier de Pas e outros que não se lembra mais, porém, este fato é comprovado, mais tarde, em 1935, ano da sua morte, por uma carta de Fernando Pessoa dirigida a Adolfo Casais Monteiro, a qual transcrevemos aqui em excerto, onde expõem a origem dos seus heterônimos (PESSOA, 1992, p. 754).

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterônimo, ou antes, o meu primeiro conhecido inexistente – um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha efeição que confina com saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em que, um rival do Chevalier de Pas...  
Coisas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas o tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades. Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação (PESSOA, Teoria da Heteronímia. 2012, p. 276- 277).

Assim, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos exprimem ideias que Fernando Pessoa não aceita, sentimentos que nunca teve, então não há como buscar neles ideias ou sentimentos do próprio poeta Fernando Pessoa: “Pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da

música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (PESSOA, *Obra em Prosa* 1995, p. 94).

Essa diferenciação é vital, pois a relevância literária e o teor de despersonalização estão empregados nesses chamados heterônimos perfeitos. Os demais fazem parte de criação que não se fixam, não possuem personalidades próprias. O processo de despersonalização sinaliza a ligação profunda da fragmentação do “eu” e da criação de vários “eus” como forma artística de revelar a necessidade deste poeta em ser vários, pois ser um não bastou como resposta e ser vários talvez o levasse a alguma resposta sobre si e sobre o mundo.

Esses poetas trocam cartas, discutem publicamente através das revistas, em polêmicas de jornal em que ora discordam, ora concordam. Na verdade, todos os “eus” poéticos pessoais são atingidos, de uma forma ou de outra, pelo peso excessivo do pensamento, da razão, do racionalismo, causadores de dor e impeditivos da felicidade.

Assim, Pessoa apresenta-se como incapaz de sentir; Ricardo Reis controla as suas emoções através do uso da razão, para evitar a infelicidade; Álvaro de Campos, na sua fase abúlica, lamenta-se do seu vício de pensar (“Para, meu coração! Não penses! Deixa o pensar na cabeça!”). Pelo contrário, Alberto Caeiro encontra a felicidade ao recusar o pensamento e a existência de um lado abstrato / obscuro das coisas, defendendo a existência apenas do concreto, do objetivo: [214] “Sinto todo o meu corpo deitado na realidade, / Sei a verdade e sou feliz” (PESSOA, 1992, p. 213).

Portanto, temos aqui uma obra literária para que de fato uma obra seja considerada como de autoria heteronímica, tem que ter um caráter de independência estilística e de personalidade do próprio autor, definindo uma trajetória própria em que suas ideias e conceitos o diferenciem de outras criações.

#### 4.1 ALBERTO CAEIRO

Conforme biografia criada por Fernando Pessoa, Alberto Caeiro da Silva nasceu em 16 de abril de 1889 em Lisboa, sendo “um homem de estatura média e embora realmente frágil não parecia frágil como era, era louro sem cor, de olhos azuis”; órfão de pai e mãe, depois da morte dos pais, Caeiro foi morar com uma tia no campo vivendo de uns pequenos rendimentos. Morreu de tuberculose em 1915 (PESSOA, 1992, p. 755).

Não teve nenhuma profissão, apenas instrução primária, por isso sua poesia é aparentemente simples, com vocabulário menos sofisticado. Caeiro procura ver as coisas como

elas são sem dar significados ou sentimento humano, considera que as coisas são como são, e constrói uma poesia das sensações, pois, para ele, “pensar” dificulta as coisas (PESSOA, 1992).

Tem atração pela infância devido a sua pureza, porque as crianças não pensam, apenas conhecem pelo sentido. Assim, o heterônimo Caeiro, em seus poemas, demonstra grande interesse pela natureza e se apresenta como um simples “guardador de rebanhos”, que só se importa em ver o mundo de forma objetiva e natural:

Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe porque ama, nem o que é amar... (PESSOA, 1992, p. 204).

Os próprios heterônimos dizem e os estudiosos também mostram que a poesia de Alberto Caeiro brota da vida, vivendo em plena comunhão com a vida, sendo aquele que não experimenta nenhuma sensação entre a pessoa dele e a vida. O que ele pensa, o que ele sente e o que ele experimenta não estão em descompasso.

Os outros heterônimos são o contrário disso. Todos eles são discípulo de Alberto Caeiro, todos eles entendem o que Caeiro fala, todos eles têm o Caeiro na sua mais alta conta, pois entendem que Caeiro de certa forma é um exemplo de plenitude de existência. Essa plenitude se manifesta na sua poesia justamente porque não existe cisão entre sua poesia, sua experiência e sua vida.

Contudo, os outros heterônimos vivem no descompasso, afinal, apesar de entenderem o que o Caeiro fala, dando-lhe toda razão, não estão à altura de Caeiro, porque ele é o mestre de todos eles. Existe essa espécie de descompasso, todos eles têm essa distância com relação a Alberto Caeiro, pois não conseguem aderir à vida plenamente. O próprio fato de eles chamarem a Alberto Caeiro de mestre já é sintoma disso.

É a partir de Caeiro, o mestre, que Fernando Pessoa cria os demais heterônimos, seus discípulos Ricardo Reis e Álvaro de Campos:

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir, instintiva e subconscientemente, uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descubri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos, a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> PESSOA, Fernando. Correspondência a Casais Monteiro 1935; Obra Poética, 1992, p.755



O que tornou possível a existência dos outros – esses fluxos de linguagem – foi a criação de Alberto Caeiro, afinal, como ele foi o primeiro heterônimo que abriu essa porta, então ele atribui a Alberto Caeiro o estatuto de mestre. Porque, como já foi dito, em Alberto Caeiro há essa integração entre o pensamento e a vida, a ideia de que a poesia nasce da vida, uma vez que a vida plena é capaz de sustentar toda uma poética mais plena.

Caeiro é entre os heterônimos que teria a expressão mais direta de uma plenitude de vida, de encarar a vida como ela é: “Ao tentar criar um poeta bucólico, de espécie complicada” com o intuito de “fazer uma partida ao Sá-Carneiro”, sua pequena biografia apresentada por Fernando Pessoa em carta ao amigo Casais Monteiro, tem sua pequena biografia assim descrita:

(...) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta, mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me duma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. (...) Abri com o título, “O Guardador de Rebanhos”<sup>13</sup>.

Alberto Caeiro é o mestre de todos os demais heterônimos, o próprio poeta Fernando Pessoa, reconhece que Caeiro foi o desencadeador do seu processo poético.

Todos os outros heterônimos vêm depois de Caeiro, todos de alguma maneira reproduzem algo do pensamento de Caeiro. Todos eles parecem assimilar aquilo intelectualmente, parece que a vivência deles não está à altura daquele conhecimento.

A obra poética de Alberto Caeiro é formada por três conjuntos de poemas: “O Guardador de Rebanhos”, “O Pastor Amoroso” e “Poemas Inconjuntos”. O principal conjunto de poemas de Caeiro é “O Guardador de Rebanhos”, constituído por 49 poemas, que foram escritos de uma única vez, na noite de 8 de Março de 1914. Esse é considerado como o dia triunfal do poeta Fernando Pessoa.

Foi um poeta bucólico de espécie complicada, ligado à natureza e guardava “Rebanhos”. Na verdade, Caeiro guardava um rebanho “de pensamentos”. Contudo, para Caeiro, a natureza era nele o mito verbal da realidade, não a sua possessão ou, sequer, a sua comunhão (PESSOA, 1992, p.29).

Caeiro é o poeta que compreende as coisas pelo sentido, pela forma, para ele o mundo existe e, por isso, basta senti-lo e apreciá-lo através dos sentidos. Optando pela vida no campo, acredita na natureza, tanto que vai defender a necessidade de fazer parte dele e estar de acordo.

<sup>13</sup> PESSOA, Fernando. Correspondência a Casais Monteiro 1935; Obra Poética, 1992, p.755

Ao procurar ver as coisas como realmente são, o mestre revela-se um poeta pagão, que sabe ver o mundo através dos sentidos, ou melhor, o mundo é aquilo que Caeiro sente: [214] “os meus pensamentos são todos sensações” (Pessoa, 1995, p. 212).

Fernando Pessoa, de modo geral, vai tentar reverter isso, ainda que ele não deixe de apontar uma afinidade com a modalidade de pensamento que não é cristão, sendo em certo sentido pagão, de modo que o auge desse paganismo estaria no Alberto Caeiro.

Entretanto que Caeiro é tão integrado que ele não problematiza muito, não é um heterônimo que tem um plano, que elabora, que teoriza. Sua poesia é continuidade da vida, de maneira que ele não é preocupado com o que faz, não elaborando uma reflexão sobre o paganismo, afinal ele não se diz pagão.

Caeiro nega qualquer tipo de pensamento filosófico, principalmente metafísico, pois para ele viver é ver as coisas, é ouvir, é tocar, sentir e nunca pensar na sua existência. “Pensar” é estar doente dos olhos, conforme escreveu em “O Guardador de rebanhos”:

O mundo não se fez para pensarmos nele  
 (Pensar é estar doente dos olhos)  
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...  
 (PESSOA, 1992, p. 205).

Ver é conhecer e compreender o mundo, por isso pensar é ver e ouvir. Recusa o pensamento metafísico, uma das formas que ele terá de negar a tirania civilizacional será em sua “metafísica<sup>14</sup> do não pensar”, ao afirmar que “pensar é não compreender”.

Fernando Pessoa disse não ter “ambições nem desejos”. Ser poeta é a sua “maneira de estar sozinho”, diz ter colocado em Alberto Caeiro “todo o seu poder de despersonalização dramática”.

Quando Caeiro nega o sentido do pensamento, não se trata do pensamento de modo geral, mas o pensamento racional, ou seja, ele não está tentando entender e nem fazer o raciocínio sobre uma flôr, por exemplo, pois sabemos que flôr é um nome que o racional humano dá para aquilo que está na natureza. Para Caeiro a natureza não pensa em si mesma, a natureza é apenas natureza. Assim o homem deve ser, pois, caso contrário, estará negando a própria natureza.

Ao anular o pensamento metafísico e ao se voltar apenas para a visão total perante o mundo, elimina a dor de pensar que afeta Pessoa. Sua poesia tem uma estética na qual a

---

<sup>14</sup> Metafísica é sintoma de uma doença, uma incapacidade de aderir a vida como ela é, uma fraqueza vital que inventa que a vida é outra coisa, quando na verdade isso se torna uma coisa inferior.

imperfeição compõe uma obra sem harmonia, sem preocupação com rimas, não tem padrão fixo, ou seja, a poesia têm de provir do natural espontâneo. Apresenta um “conceito direto das coisas”, um “objetivismo absoluto”, pois o mundo é aquilo que Caieiro sente:

Sou um guardador de rebanhos  
 O rebanho é os meus pensamentos  
 E os meus pensamentos são todas sensações  
 Penso com os olhos e com os ouvidos  
 E com as mãos e os pés  
 E com o nariz e a boca. (PESSOA, 1992, p.212)

Ser guardador de rebanhos é, na verdade, uma condição metafórica de guardador de pensamentos. Ao se enxergar como um simples "guardador de rebanhos", não tem admiração, preferindo a objetividade e a naturalidade próprias dos mais simples, de maneira a privilegiar os órgãos dos sentidos, principalmente a visão e a audição, porque são estes que lhe permitem uma percepção exata das coisas que existem na natureza e nele evoluem sem precisarem de uma explicação metafísica ou intelectual.

Tudo isso, porém, é verdadeiramente o espírito do paganismo, conforme os versos supracitados. Eduardo Lourenço considera que:

Ninguém esqueceu que “Alberto Caieiro” é pastor, metafórico “guardador de rebanhos” não menos metafóricos, em suma, poeta de pensamentos tratados virgilianamente como rebanhos... Trata-se, como no texto mesmo dos poemas se explicita (...) de uma metamorfose e uma recuperação originais do tema bucólico convertido em pseudobucolismo para assim poder melhor evocar o jogo sério do espírito moderno nas suas relações com a Natureza (LOURENÇO, 2008, p.157-158).

Porque ele não coloca a importância nas idéias das pessoas acerca do mundo ou da vida em si, faz crítica à filosofia e a substitui pela ciência das sensações, ou seja, ele vê o mundo através das próprias sensações. Caieiro procura essa verdade na natureza, acredita na natureza, optando pela vida no campo, defendendo a necessidade de estar de acordo com ela, de fazer parte dela porque para ele natureza é a razão da verdade, ajuda-o ver o mundo como de fato é.

A evocação da Natureza, com caráter bucólico, em Alberto Caieiro, parece ser, então, certa forma de resistência a uma ordem civilizacional opressiva, da qual o poeta moderno – inicialmente como Baudelaire – demonstra certo deslocamento (NASCIMENTO, 2017, p.4).

Caieiro parece ser o único que utiliza uma espécie de metafísica própria (a de não sentir) para fazer uma crítica à metafísica ocidental, a simplicidade poética diferencia Caieiro de

Ricardo Reis; nem com a paixão de Campos; tampouco com a diversidade de temas como é o caso da poesia de Pessoa ortônimo.

Ao adotar o sentir "Eu não tenho filosofia, tenho sentidos", Caeiro expressa de uma forma muito clara, essa relação que ele teve com a natureza e quanto a natureza influenciou no modo de vida dele. A sua vida é simples, não tem nenhuma ambição, tudo que ele quer é existir até o momento em que ele deixar de existir.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem porque ama, nem o que é amar... (PESSOA. 1992 p. 205).

Caeiro trabalha com a ideia do sensacionismo, no sentido de causar no outro aquilo que se sente. O elemento recorrente em suas poesias é a natureza; entretanto, sua intenção não é fazer uma mera apologia a este cenário bucólico: utiliza desta temática como instrumento poético, trazendo assim a realidade que ele vê, sente e ouve, para ele a natureza é absoluta, pois Deus está nas coisas.

Agora vamos ver o poema que selecionamos no dia de aniversário de Fernando Pessoa. O trecho abaixo foi escrito em 13 de junho de 1930, quando Pessoa completava 42 anos. Compõe os versos de "Poemas Inconjuntos", de Alberto Caeiro:

[305]

Hoje de manhã sai muito cedo,  
Por ter acordado ainda mais cedo  
E não ter nada que quisesse fazer...  
Não sabia por caminho tomar  
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,  
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.  
Assim tem sido sempre a minha vida, e assim quero que  
possa ser sempre—  
Vou onde o vento me leva e não me sinto pensar<sup>15</sup>

Neste poema, é possível perceber a serenidade do poeta, isto é, o deixar que a natureza o leve. Ele acordou cedo e não tinha nada que ele quisesse fazer, não sabia que caminho seguir, simplesmente vai para o caminho que o vento o levar, e mostra também o seu contato com a natureza quando ele se deixa levar pelo vento.

---

<sup>15</sup> PESSOA, Fernando, *Obra Poética*; 1992, p. 245.

Refletir que Caeiro, quando quer gozar de liberdade, afasta os pensamentos como forma de resistir às questões do mundo, da civilização, sobretudo a razão cartesiana, a religião, a solidão do indivíduo, seus medos, a opressão, a tirania da cidade, e o seu interior doentio.

Estar só e não ter o que fazer aproxima o eu lírico de um estado liberto, estado de fuga, das tensões e problemas que afetam a sociedade civilizada, Caeiro quer viver longe disso, viver livre, na paz, sem poder pensar no sofrimento.

O futuro para ele não é pensado, apenas segue o caminho que a vida lhe oferece. Ou seja, o poeta não está interessado em complexidades, em projeções futuras, viver o passado não é viver porque a natureza é agora, o presente. Temos de “viver um dia de cada vez” e deixar-nos levar, como diz o poeta, “pelo vento”, “pela natureza”, porque assim sendo levado pelo vento nunca terá de pensar.

Retomando o exemplo da flôr, uma flor é uma flor e mais nada, não pode ter uma outra interpretação, e assim, ele foi deixando a natureza o levar.

Deixar que a natureza o leve e adotar a filosofia de não pensar, evidencia na poesia de Caeiro uma espécie de confrontação com a lógica ocidental, com o discurso filosófico e com a ideia de civilização.

Por fim, na última estrofe, Caeiro descreve resumidamente a sua vida dizendo que sempre foi levado pelo vento sem nunca ter um destino, e, ao mesmo tempo, vimos que é isso que ele deseja para o seu futuro, porque assim sendo levado pelo vento nunca terá de pensar, e pensar para ele é algo de errado, logo não pensa, pois a inconsciência para o resto da sua vida é o ideal.

Acho interessante a maneira que Caeiro olha para o mundo, e como busca viver sua vida sendo um homem livre para poder observar a beleza da essência de uma flor.

## 4.2 RICARDO REIS

Ricardo Reis cronologicamente surgiu antes de seu mestre Alberto Caeiro, entretanto, apenas com o nascimento de Caeiro que Ricardo Reis pode tomar forma e assim definir-se como parte desta obra literária.

Ricardo Reis nasceu na cidade do Porto, no dia 19 de setembro de 1887 (“não me lembro do dia e mês, mas tenho-os alguns”), faleceu em 1936 (de acordo com a obra de José Saramago “O ano da morte de Ricardo Reis”), estudou em colégio de jesuítas e formou-se em medicina (PESSOA, 1992, p. 755).

Assim, Fernando Pessoa fez uma descrição dos aspectos físicos de Reis: “Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco e é de um vago moreno mate”<sup>16</sup>. Esse heterônimo apresenta-se como um homem de feição firme e traços fortes.

Não possui uma áurea de pureza e inocência como a de Caeiro e sustenta uma postura firme, junto a um ar um tanto aristocrático e conserva uma série de costumes aprendidos ao longo de sua educação rígida e tradicionalista (PESSOA, 1992).

Nunca chegou a exercer o seu conhecimento em Portugal, pois era monarquista e mudou-se para o Brasil em 1919, por discordar da proclamação da República Portuguesa. Foi profundo admirador da cultura clássica, tendo estudado latim, grego e mitologia (PESSOA, 1992).

As primeiras obras de Ricardo Reis foram publicadas na revista Athena, fundada por Fernando Pessoa em 1924. Entre 1927 e 1930, publicou várias Odes na revista Presença, de Coimbra. A ideia desenvolvida em sua obra faz parte do pensamento greco-romano: clareza, equilíbrio, as boas formas de viver, o prazer, a serenidade (PESSOA, 1992).

Explora poeticamente itens da Grécia clássica tais como os deuses, e os cultua com uma espécie saudosismo a esta época tão equilibrada e sóbria, contrapondo à realidade que vê à sua frente e que julga desnonesta.

Ricardo Reis é o poeta clássico, que acredita na busca pela tranquilidade através do epicurismo, uma doutrina que acredita em evitar a dor, aproveitar a vida e não ter medo de morrer. Daí o Ricardo Reis vai se interessar por esse tipo de produção poética, conforme a qual ele é menos modernista e, assim, um classicista que vai dialogar com a poesia grega romana.

A obra desse heterônimo é rigidamente construída com o padrão culto da linguagem, formalista, com o uso de termos ritmados que criam a obra prima por ele idealizada a partir de princípios aristocráticos: odes que evidenciam a beleza clássica e contemplam os deuses, a sabedoria e o equilíbrio que emenda suas imagens.

Nessa perspectiva, vê-se que ele tem uma preocupação constante com a construção da poesia, sempre primando por termos cultos que trazem consigo uma melodia que provoca sensações de leveza, despertando um grau de admiração pela Grécia Clássica e toda sua produção cultural.

Em Ricardo Reis, pode-se notar em seus poemas o estilo neoclássico influenciado pelo poeta latino Horácio, em que se destaca o uso do imperativo. Outros aspectos formais também podem ser notados, entre eles o uso de um vocabulário erudito e arcaico, formas estróficas e

---

<sup>16</sup> PESSOA, Fernando. Correspondência a Adolfo Casais Monteiro. Obra Poética, 1992, p. 755.

métricas de influência clássica (ode) e o diálogo permanente com o “tu”, evidenciando assim certa formalidade:

[414]

PARA SER GRANDE, sê interio: nada  
 Teu exagero ou exclui.  
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
 No mínimo que fazes.  
 Assim em cada lago a lua toda  
 Brilha, porque alta vive (PESSOA, 1992, p. 288).

Nesse poema, Ricardo Reis faz uso do imperativo em verbos como “sê”, “exclui”, “põe”, dando conselhos. Analisando o poema, no primeiro verso, “para ser grande, sê inteiro: nada”, Reis nos representa um dos princípios básicos da sua filosofia ao defender que o homem deve encontrar no seu sofrimento a sua nobreza, ou seja, deve aceitar a dor da vida de uma maneira inteira e ser inteiro nesse mesmo sofrimento.

Em “nada/Teu exagero ou exclui”, o poeta continua a defender que o homem abdique de tudo, mas que não abdique de si próprio, e que tudo que é ilusório deve ser banido das nossas vidas, como a religião e o amor.

No terceiro e quarto verso, “Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/No mínimo que fazes”, aconselha que encontremos a inteira felicidade em cada coisa, que nos entreguemos de corpo e alma expondo a nossa personalidade e esforçando-nos por deixar uma marca da nossa identidade nos objetos e nas ações.

“Para ser grande, Sê interior”. Apesar de possuir uma composição de apenas uma estrofe, é uma obra poética de tom alegre e entusiástico, com a origem na Grécia Antiga, de Ricardo Reis, o que mostra a intensa influência da antiguidade na poesia do heterônimo de Fernando Pessoa:

[375]

O SONO É BOM pois despertamos dele  
 Para saber que é bom. Se a morte é sono  
 Despertamos dela;  
 Se não, e não é sono,  
 Conquanto em nós é nosso a refusemos  
 Enquanto em nossos corpos condenados  
 Dura, do carcereiro,  
 A licença indecisa.  
 Lídia, a vida é mais vil antes que a morte,  
 Que desconheço, quero; e as flores colho  
 Que te entrego, votivas  
 De um pequeno destino (PESSOA, 1992, p. 281).

O eu poético firma que, por mais vil que a vida seja, sempre há a preferência de vivê-la enquanto podemos. O eu poético afirma que, enquanto o fim a que os nossos corpos estão sujeitos de chegar, devemos usufruir da vida, por mais vil que esta seja – “Conquanto em nós é nosso a refusemos [...] a vida mais vil antes que a morte”. Porém, se a vida não é um “sono”, então devemos recusar a morte e privilegiar a vida.

Na última estrofe destaca-se a antítese entre “vida” e “morte”, funcionando como uma espécie de síntese da preocupação manifestada ao longo do poema. Confirmando-se, na última estrofe, a temática da dicotomia vida/morte que é anunciada no início do texto.

Consciente da transitoriedade da vida, o “eu” poético, que afirma desconhecer ainda a morte (“a vida mais vil antes que a morte, / Que desconheço”), sabe que o destino está traçado e que, tal como as flores têm uma curta duração e o fim predefinido, também os outros seres vivos estão sujeitos ao mesmo processo e sob os efeitos da fugacidade da vida, pelo que devem viver enquanto puderem.

Por isso, se depreende a apologia do viver a vida de forma serena, aguardando o fim que o destino nos reserva.

Ricardo Reis, é um epicurista triste, pois defende o prazer do momento como o caminho para a felicidade, procurando a felicidade que deseja alcançar e considerando que nunca se consegue a verdadeira calma e tranquilidade com as leis do destino.

Podemos definir, assim, de forma mais concreta, as características estilísticas que Ricardo Reis utiliza e fazer a interpretação dos poemas, para isso, vamos observar no trecho da poesia escolhida no dia do aniversário do poeta, nesse caso Fernando Pessoa, como eixo da leitura e análise. O poema foi escrito no dia 13 de Junho de 1926:

[366]

“NÃO SÓ VINHO, mas nele o olvido<sup>17</sup>, deito  
 Na taça: serei ledó, porque a dita  
     É ignara. Quem, lembrando  
     Ou prevendo, sorrira?  
 Dos brutos, não a vida, senão a alma,  
 Consigamos, pensando; recolhidos  
     No impalpável destino  
     Quem não ópera não lembra  
 Com mão mortal elevo à mortal boca  
 Em frágil taça o passageiro vinho,  
     Baços<sup>18</sup> os olhos feitos  
     Para deixar de ver” (PESSOA, 1992, p. 279).

---

<sup>17</sup> Esquecimento.

<sup>18</sup> Embaçado.



O poema descreve um estado de embriaguez do eu lírico ocasionado pelo vinho e a enfermidade (passageira) desse estado. Embriagar-se é uma forma de resistir à civilização, afinal fugir, ser um outsider, assim como é outsider o heterônimo Caieiro, é no fim das contas uma forma de resistência.

Pensar no estado de embriaguez do eu lírico é um estado efêmero, ou seja, passageiro. Esse estado de fuga que o poema tenta transmitir – escapismo da realidade. A taça de cristal é frágil, assim como o vinho é passageiro, de modo que vai terminar deixando-lhe nesse estado de embriaguez e pensar na morte, a morte como o lugar alternativo da vida e sua opressão.

O estado de embriaguez, se manifesta pela perda da consciência, do autocontrole, da perda da razão, então para o poeta esse estado deixa ele desligado ao mundo, esse estado de embriaguez é uma forma de resistir, fugir da civilização, para viver o seu mundo livre sem nenhuma regra ou lei para cumprir, de maneira que o poeta somente quer sua paz.

[367]

QUANTA TRISTEZA e amargura afoga  
Em confusão a `streta vida! Quanto  
Infortúnio mesquinho  
Nos oprime supremo!  
Feliz ou o bruto que nos verdes campos  
Pasce, para si mesmo anônimo, e entra  
Na morte como em casa;  
Ou o sábio que, perdido  
Na ciência, a fútil vida austera eleva  
Além da nossa, como o fumo que ergue  
Braços que se desfazem  
A um céu inexistente (PESSOA, 1992, p. 279).

Afastar-se da ciência é uma forma também de criticar a civilização, pois a ciência é um produto social diante do qual o eu lírico não se adequa e está deslocado, afastando-se como fumo que se ergue. Aproveitando o verso “Nos oprime supremo” para fazer o link com a civilização e a opressão, todavia, o “Ocidente” ignora essa ideia da diferença, da diversidade cultural, ou seja, a cultura europeia é a verdadeira, a única cultura correta que deve ser seguido e os demais culturas são atrasados.

É esse mal-estar que levaria Freud a discorrer a respeito, em seus estudos psicanalíticos, levando em conta a repressão e a sublimação dos instintos ante uma ordem civilizacional, ou seja, “os olhos feitos para deixar de ver”. Não querer ver ou deixar de ver é uma espécie de fuga da realidade, “fugai urbem”, isto é, fuga da cidade, como observamos anteriormente em Caieiro.

Nesse aspecto, assemelha-se também a Álvaro de Campos, no sentido de ser um outsider que vai assumir o seu cansaço com a civilização, através de uma melancolia provocada por uma

espécie de perda original, que está sempre relutando com a sociedade, tendo sempre que seguir o padrão que se encaixa em normas pré-determinadas, como se fôssemos todos iguais. Sendo assim, ambos fazem uma espécie de meta-discurso crítico à civilização, de maneira que, sob a máscara de Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, Fernando Pessoa representará melhor a insatisfação para com a civilização.

O sujeito poético é aquele que busca o anonimato, que não consegue se enquadrar na sociedade, na civilização, que sempre vai tentar uma espécie de fuga, de alguma forma brigando com esse estado de coisas, mostrando-se incomodado, mostrando-se não está exposto socialmente porque o sub-alterno é um anônimo indigente (“vida austera”), porque a vida está aberta, está plena a vida pequena, de certa forma incluída sem caminho, sem ter para onde ir.

Uma sociedade que prefere teatralizar a felicidade a permitir que cada um encontre as suas próprias felicidades. Uma sociedade que possui a obrigação de sorrir o tempo inteiro, porque não se pode jamais demonstrar fraqueza. Uma sociedade que retira a inteligência das perguntas, para que nos contentemos com respostas rasas. Então, por que se adequar? O eu lírico vai mostrar essa inadequação à sociedade padronizada.

Assim, por meio de seus heterônimos, Fernando Pessoa demonstra pavor de todo o ato que oprime o homem na sociedade, as leis, a igreja, as ordens.

#### 4.3 ÁLVARO DE CAMPOS

Alvaro de Campos, heterônimo nascido em “derivação oposta à de Ricardo Reis” propõe uma série de desconstruções de conceitos, que, de acordo com o seu ponto de vista, não caberiam mais na realidade contemporânea que se apresenta.

Nasceu 15 de outubro de 1890, em Tavira (Portugal). Engenheiro naval formado na Escócia, morreu em 1935 em Lisboa. “Tabacaria” é o poema mais conhecido do heterônimo, destacando-se num conjunto de textos onde podemos encontrar três fases: Decadentista, Futurista, Intimista (PESSOA, 1992).

Assim como os demais heterônimos, Pessoa possui sua descrição e formação intelectual expostos na já citada carta a Casais Monteiro:

Alvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais dois centímetros do que eu), magro e um pouco tendente a curvra-se. Cara rapada todos. (...) Campos entre branco e morreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado monóculo”<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> PESSOA, Fernando. Correspondência a Adolfo Casais Monteiro, Obra Poética, 1992, P.755).

Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeira mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre”<sup>20</sup>.

O sensacionismo é uma ideia que atravessa os heterônimos, em todos eles estão presentes, embora seja uma elaboração teórica associada principalmente a Álvaro de Campos.

Já seu futurismo figura em sua obra mais como crítica à ordem civilizacional, ou crítica à opressão gerada pelo progresso. Depois, vem decadentista marcado pelo tédio profundo, fase muito marcada pela questão da própria decadência da vida de Campos, que não vê mais sentidos nas coisas, ainda que ele busque esse sentido.

Embora Pessoa manifeste forte reserva em relação ao Futurismo, experimenta algum interesse e simpatia por esta manifestação da arte e da literatura, delegando no seu heterônimo Álvaro de Campos a missão de exprimir a sensibilidade futurista através da construção de uma poética fundada na ideia de força.

Álvaro de Campos foi bastante reconhecido e admirado como poeta futurista, sendo a “Ode Triunfal” exaltada como um ícone das linhas futuristas em seu louvor pela civilização industrial e mercantil, pelo fervor do desenvolvimento das coisas modernas, mas ele foi também reconhecido como um poeta com um poder de construção e de desenvolvimento ordenado de um poema só aparentemente desordenado (PESSOA, 1992).

Apesar de não ter estrofes nem rimas, a “Ode Triunfal” possui equilíbrio construtivo e desenvolvimento formal e semântico ordenados comparáveis a ode grega, de modo que o poema se apresenta como manifestação superior do poema complexo e rigorosamente estruturado.

Álvaro de Campos, um dos heterônimos concebido como individualidade distinta de si, mas muito semelhante ao perfil de Pessoa, é, nas palavras de Jacinto do Prado Coelho, autor de *Diversidade e “Unidade em Fernando Pessoa”*.

Ele busca uma unidade entre toda a diversidade que o compõe, argumentando que a obra de Fernando Pessoa deve apenas ser lida em seu conjunto heteronímica, já que esta é a unidade textual que dá sentido a sua obra. “um poeta da vertigem das sensações modernas, da volúpia da imaginação, da energia explosiva”.

Na arte, uma das maiores características do futurismo<sup>21</sup> era a tentativa de captar o movimento e a velocidade.

<sup>20</sup> PESSOA, Fernando. Correspondência a Adolfo Casais Monteiro, *Obra Poética*, 1992, P.756).

<sup>21</sup> Corrente literária que se propõe cortar com o passado, exprimindo em arte o dinamismo da vida moderna.

Subscreve também cedo algumas das expressões mas penetrantes de um tema oposto, o tema dos estados de sonolência, enjoo, cansaço, atenção marginal, desagregação subjetiva, aprendidos no entanto com a segurança e apetência de lucidez que problematiza e dinamiza a unidade do eu, o que trouxe Fernando Pessoa muitas fórmulas inquietantes: “de quem é o olhar que espreita por meus olhos?” (PESSOA, 1992).

Digamos que semelhante a Alberto Caeiro e Ricardo Reis, o poeta em questão também cultua as sensações, no entanto, estas resultam do contato com a modernidade, promovido pelo barulho dos automóveis, das máquinas a vapor, em fim, pelo crescimento industrial.

Todavia, essa noção de sensações que Álvaro de Campos vai começar a ler em Alberto Caeiro faz entender o que é o sensacionismo e como alimentar o sentir dessas sensações em sua alma. E também essa busca de sensações que vai gerar a segunda fase da produção de Campos.

Durante a fase futurista, a qual se destaca a “Ode Triunfal” e a saudação a Walt Whitman, um poeta estadunidense importante desse período. Whitman trabalhava muito a questão da ruptura, do confronto, principalmente no livro Folhas na relva, sua obra mais conhecida (PESSOA, 1992, p. 336).

Nessa fase futurista, Campos enaltece a civilização moderna em que a máquina, a velocidade e a multidão se fundem no rodopio das sensações. É possível perceber o fascínio pelas máquinas e pelo progresso nos poemas futuristas de Campos, fase que pode ser ilustrada a partir da leitura da “Ode Triunfal”, no qual o sujeito poético escreve “no interior de uma fábrica iluminada por “grandes lâmpadas eléctricas”. A realidade provoca no sujeito poético um estado febril, violento, (“Escrevo rangendo os dentes”) resultante de sensações contraditórias: “a beleza” que o rodeia é “dolorosa”:

À DOLOROSA LUZ das grandes lâmpadas eléctricas da  
fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos  
(PESSOA, 1992; p.306).

Também Álvaro de Campos, em “Apontamentos para uma estética não-aristotélica”, editados nos números 3 e 4 da revista Athena (1924 e 1925) desenvolve a tese de que a arte não-aristotélica se baseia na ideia de força, ao passo que a arte aristotélica se baseia na ideia de beleza.

O poema expressa bem o estado de delírio em que o poeta se encontra e que tem origem no ambiente em que se insere. Esse sentimento de frustração vai estar sempre presente na obra

de Álvaro de Campos, desenvolvendo-se mais intensamente em seus poemas: os movimentos “em fúria” e os “ruídos” ouvidos “demasiadamente de perto” das máquinas de uma fábrica. Desse estado participam todas as sensações visuais, gustativas, auditivas, olfactivas, tácteis (PESSOA, 1992, p. 306):

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r- eterno!  
 Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
 Em fúria fora e dentro de mim,  
 Por todos os meus nervos dissecados fora,  
 Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
 De vos ouvir demasiadamente de perto,  
 E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
 De expressão de todas as minhas sensações,  
 Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas

A este propósito, o poema começa com uma estranha iluminação de lâmpadas elétricas. O homem adoentado, enfraquecido pela febre, exposto a esses barulhos, é arrebatado pelas oscilações das rodas e dos motores: o bater do seu coração adapta-se ao movimento das máquinas, a sua cabeça abrasada começa a vibrar também. Ao mesmo tempo acumulam-se montes de coisas diante dos seus olhos, que a multiplicidade de impressões não deixa aproximar.

Relampeja por toda a parte, há luzes vindas de todos os lados, todos os sentidos estão despertados, gostariam de participar sempre e em toda a parte, escutando, apalpando, agitando-se.

Fraternidade com todas as dinâmicas!  
 Promíscua fúria de ser parte-agente  
 Do rodar férreo e cosmopolita  
 Dos comboios estrênuos,  
 Da faina transportadora-de-cargas dos navios,  
 Do giro lúbrico e lento dos guindastes,  
 Do tumulto disciplinado das fábricas  
 E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias  
 de transmissão! (PESSOA, 1992, p. 306)

Na fase intimista, Álvaro de Campos reflete sobre suas vivências do passado, revisita a infância e sente de forma amargurada a passagem do tempo, o desalento, o ceticismo. Esses sentimentos em seu poema evidenciam o contraste entre a desilusão da fase intimista e o otimismo associado ao elogio da vida moderna.

Em termos formais, o estilo de Campos passa por diferentes fases, destacando-se o verso livre, longo e capaz de exprimir as emoções mais fortes ao qual se associam as exclamações e

as interjeições, em que são muito importantes as metáforas que descrevem a complexidade do mundo.

Campos, é o heterônimo da modernidade em Pessoa, extrovertido, cuja poesia (sobretudo em prosa) propicia a oralidade, sem métrica definida. Campos marca a diferença também por essa forma de encarar a poesia. O caos do mundo que ele retrata tão magistralmente, quer nos momentos ativos (fase modernista), quer passivos (fases decadentista e pessimista).

De acordo com a poesia escolhida no dia de aniversário do heterônimo, vamos entrar na análise do poema “Aniversário”, que foi assinado por Fernando Pessoa e escrito em 15 de outubro de 1929, data atribuída ao nascimento de Campos.

[473]

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
 Eu era feliz e ninguém estava morto.  
 Na casa antiga, até eu fazer o ano era uma tradição de há séculos,  
 E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião  
 qualquer.  
 No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
 Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
 De ser inteligente para entre a família,  
 E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.  
 Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.  
 Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida (PESSOA, 1992, p. 379).

Esse poema, enquadra-se na última fase do poeta, a fase “pessimista”, em que os temas abordados por Campos voam em redor da sua desilusão com a vida, com a amargura, onde o eu-lírico faz um retrocesso ao passado, narra em versos as lembranças da infância e o presente angustiante, precisamente no dia do aniversário.

A época da infância no poema é marcada pela ingenuidade, em que era pequeno e tinha uma grande saúde de não perceber e nem tinha noção das coisas que aconteciam a sua volta. “Eu era feliz e ninguém estava morto”: o sujeito poético sentia-se feliz, porque era amado pela família, que o fazia sentir-se importante, que nenhum dos seus irmãos tinha morrido, e seu pai ainda o acompanhava. Festejar os anos era ainda uma festa inocente e feliz, tudo isso na casa de infância, na “casa antiga”.

Quando cresceu perdeu as esperanças e deixou de acreditar, já não sabia o que queria nem o que pretendia, por ter perdido as pessoas e a felicidade da sua infância. Hoje o eu-lírico se sente só e infeliz, desesperado pela consciência de que não poderá recuperar a felicidade que sentia no passado. A festa de aniversário torna o aspecto simbólico de um ritual familiar e religioso dentro do qual a criança se torna o centro de um mundo que acolhe e a protege.

“O tempo em que festejavam o dia dos meus anos”, pode-se perceber muitas vezes a repetição no poema dando ênfase à importância da data do aniversário, servindo também para marcar a justa posição entre passado e presente, respectivamente infância e fase adulta. Fazendo-se uma conexão com pensamento de Freud, a vida adulta marca aspectos da civilização estranhando no eu.

Como o próprio Freud observou, a perda da infância associa-se à perda também da felicidade, da inocência e ao início dos desprazeres da vida, pois o ego do adulto é moldado de acordo com imposições sociais e morte simbólica da liberdade que outrora a criança tinha.

Quando, porém, a criança começa a perceber o mundo sob o princípio da realidade, é substituída pela necessidade de relacionar-se socialmente. Dessa forma, é na infância que o indivíduo, regido sob o princípio de realidade, desenvolve o ego organizado, o qual possibilita que nós tenhamos capacidade de compreender o que é ou não útil para a sociedade.

Freud observou ainda que a civilização, como a grande fonte do nosso sofrimento, devida a necessidade de vida social superar os objetivos primários, do mundo perdido da infância. O eu lírico sente nostalgia, de modo que um profundo desencanto e angústia acompanham o sentido da brevidade da vida e da passagem dos dias.

O eu lírico gostava de ter a infância das crianças que brincam e sente saudade de uma ternura que lhe passou ao lado. Desencantado, busca múltiplas emoções e abraça sonhos impossíveis, mas acaba “sem alegria nem aspiração”. Tenta manter vivo o “enigma” e a “visão” do que foi, restando-lhe a inquietação, a solidão e a ansiedade.

Pessoa, através do semi-heterônimo Bernardo Soares, no Livro do Desassossego, afirma que “O meu passado é tudo quanto não consegui ser”. Por isso, nada lhe apetece repetir nem sequer lembrar. O passado pesa e o futuro surge “como a possibilidade de tudo!”. O tempo é para ele um fator de desagregação na medida em que tudo é breve, tudo é efêmero:

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,  
 O que fui de coração e parentesco.  
 O que fui de serões de meia-província,  
 O que fui de amarem-me e eu ser menino,  
 O que fui-ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...  
 A que distância!...  
 (Nem acho)  
 O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,  
 Pondo gelado na paredes...  
 O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através  
 das minhas lágrimas),  
 o que eu sou hoje é terem vendido a casa,  
 É terem morrido todos,

É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio... (PESSOA, 1992, p. 379).

Em seguida, nas estrofes três e seis é relevada a sua profunda desilusão com a sua vida atual: “O que eu sou hoje é terem vendido a casa”. Ou seja, dizer um vazio que ganhou com a perda do bem mais precioso, carregado de muitas sensações, alegrias e o aconchego dado pela vida em família na infância.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,

Por uma viagem metafísica e carnal,  
Com uma dualidade de eu para mim...  
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!  
Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...  
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça com mais copos,  
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado  
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,  
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!  
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!  
Ó meu Deus, meu Deus!  
Hoje já não faço anos.  
Duro.  
Somam-se-me dias.  
Seri velho quando o for mais nada.  
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!... (PESSOA, 1992 P. 379)

Na penúltima estrofe do poema, o sujeito poético mostra o seu desespero da falta de um objetivo para a vida, o que é simbolizado pelo fato de, no presente, não comemorar mais seu aniversário.

O tom nostálgico e angustiado do poema dá a sensação que o eu poético vive o conflito e uma reflexão acerca do seu passado, supostamente mais feliz que o presente: “Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”. Conclui em tom confessional a suas saudades do passado, de uma forma já confirmada com o presente melancólico e sem perspectiva em relação à vida.

Na última estrofe, o eu poético trás à tona uma acomodação melancólica com relação ao passado, marcando com precisão verbal os estados temporais e emocionais a que se refere no poema. Diante disso, pode-se afirmar que o eu poético insere no texto características comuns



às pessoas que estão prestes a deixar o mundo material, ou que neste não sentem mais vontade de estar por muito mais tempo.

A reflexão melancólica sobre o passado, a amargura em relação ao presente e a sensação de que o tempo passou é algo que deveria ser resgatado perdeu-se em um passado longínquo, ou seja, esse tempo passado é um tempo feliz, mas simultaneamente um tempo perdido, porque as crianças não sabem que são felizes, a não ser mais tarde, quando recordam.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo os conselhos de Fernando Pessoa, as reflexões tecidas ao longo desta pesquisa guiaram-me na medida do possível sobre “estudar a arte pela arte e não pelo artista”. Quando Fernando Pessoa estava prestes a morrer resolveu revelar todo esse jogo poético com o livro *Ficções do Interlúdio*. Ele afirma nesse texto que os heterônimos se caracterizam não só por pensar coisas diferentes dele, mas vincula um conteúdo com pensamentos e opiniões diferentes dele. Já o semi-heterônimo, embora pense diferente, se expressa no estilo no qual ele não deixa de se reconhecer.

O assunto geral presente em todos os poemas analisados aqui é esse esforço, essa recusa de uma separação do pensamento e da sensação, um privilégio do sentir sobre o pensar. Um esforço para tentar reconduzir o pensamento ao campo pleno da sensação; isso vai aparecer de maneiras diferentes nos poemas.

Quando fala que não pensa de uma certa forma, o quê Pessoa está recusando? Ele não tem pensamento em que sentido? Concluímos que pelo sentido de um pensamento independente da sensação. Quando ele admite a ideia de pensamento é porque está reconduzindo o pensamento, pensando a partir da sensação. Então, seu empenho é no sentido de reconduzir o pensamento ao campo pleno da sensação tendo assim a primazia sobre o pensamento.

Existem textos em que ele recusa essa ideia de pensamento; outros em que ele assimila essa ideia de pensar; assim como existem textos em que ele ao mesmo tempo recusa e assimila; e finalmente textos que formam paradoxos também, e isso é importante porque o paradoxo tem a ver com a recusa da lógica aristotélica que é uma lógica que preza pela não contradição, que preza pela identidade, metafísica esta que é definitivamente recusada.

A recusa do pensamento ao campo da sensação é uma certa liberdade para usar uma mesma palavra em mais de um sentido, de a palavra ganhar uma outra acepção recusada por Aristóteles. Com isso, Pessoa busca reivindicar essa liberdade de usar a mesma palavra com vários sentidos, assim como investir em formulações que são em si mesmas paradoxais.

A recusa da lógica aristotélica se dá porque, para ele, essa lógica é uma simplificação diante da complexidade da vida, mas, ao mesmo tempo, muito mais simples num certo sentido. Ou seja, ser fiel aos sentidos pode nos levar a perceber que a vida na sua complexidade é simples paradoxo, de modo que basta ser fiel aos sentidos para confiar no que se sente.

Problematizando a relação entre a linguagem e as coisas, a intenção é mostrar que cada poesia encontra formulações, encontra o pensamento na sensação, encontra formulações que

deem conta da realidade. Para Pessoa, o que a linguagem comum dos homens, isto é, o uso mecânico da linguagem a que se somos induzidos, não dá conta da realidade.

Diante disso, como a poesia dos heterônimos de Fernando Pessoa mostra como é que o uso convencional da linguagem não dá conta da realidade, é preciso um outro uso da linguagem. Esse uso é o uso que a poesia é capaz de fazer quando reconduz o pensamento para o campo da sensação.

Pessoa diz que quando a gente recusa dar uma explicação para uma criança é uma maneira de travar, de inventar a ignorância, e a educação é um pouco disso, uma maneira de você atenuar a vida, a liberdade da criança, atenuar essa inquietação e colocar nela todo esses princípios, essas complicações, esses preconceitos, essa moral, essa infinidade de coisas que tem a ver com essa tradição que ele vai criticar, de modo que a educação é uma maneira de emburrecer, de colocar a criança dentro desse regime de pensamento que a fará sofrer.

Esses preconceitos filosóficos e morais são embutidos nos indivíduos pela cultura e pela educação, mesmo que a criança no primeiro momento seja muito mais que isso, sendo preciso desaprender para voltar a pensar, razão a partir da qual sustenta o desejo frequente na poesia dos heterônimos de se tornar criança.

Eu, enquanto produtora deste trabalho sobre a obra de Fernando Pessoa, poeta português, sendo uma mulher negra, diaspórica, africana, que estuda numa Universidade onde os padrões ocidentais são desconstruídos ou colocados em perspectiva, para mim é uma honra poder trazer os poemas do grande poeta modernista português sob um olhar crítico à civilização ocidental, por isso fiz o esforço de trazer para o meu trabalho uma outra visão do poeta, e colocá-lo em minha perspectiva.

É preciso destacar que Pessoa, mesmo sem assumir uma militância abolicionista explícita, contribuiu a seu modo na luta pela descolonização, afinal por meio de suas produções artísticas pode-se experimentar uma diversidade de produções de sua autoria, tais como prosas, poesias, texto de cunho crítico etc.

Ele provou que apenas uma vida não basta, lembrando que o objetivo de toda poesia e de toda obra de arte foi sempre uma mensagem de libertação dos seres humanos escravizados, seja pela moral dos preconceitos, seja pelos tabus, as leis.

Por fim, destaco novamente a impossibilidade de cometer uma explicação única da obra, pois o artista não é simples, sendo cercado por uma áurea de complexidade que não pode ser simplificada, e nem mesmo explicada, por meio de uma chave de leitura. É por meio de uma série de quebras e desconstruções que ele propõe o caminho que o crítico deve seguir em sua operação de análise e reflexão.

E é em meio e a este turbilhão de acontecimentos que a arte e toda sua sensibilidade traz à tona e escancara os chamados “movimentos de vanguarda”. De teor artístico, literário, estilístico e, sobretudo, com um tom inovador, temos expostas diferentes formas de ruptura e novas propostas sobre o fazer artístico, suas conceituações e novas propostas.

Assim, temos com Fernando Pessoa uma obra que retrata o modo como as pessoas lidavam com o choque dos resquícios do passado e a ascensão dos valores do presente. Diante de um turbilhão infinito de mudanças, ainda hoje temos a necessidade latente de novas formas de expressão do mundo e do homem.

Portanto, Fernando Pessoa é um crítico de ontem, de hoje e de amanhã que continuará a romper alguns laços e impor novos desafios.

## REFERÊNCIAS

- CAEIRO, Alberto. **Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. 1973
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ática, 1995.
- DE NICOLA, Jose; INFANTE, Ulisses. **Fernando Pessoa**. Scipione, 1995.
- DO PRADO COELHO, Jacinto. **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**. Editorial verbo, 1982.
- EAGLETON, Terry, 1943- **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – 2.ed. – São Paulo: Unesp, 2011. P. 127-183.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Companhia das Letras, 2011.
- GUIMARÃES, Fernando. **Simbolismo, modernismo e vanguardas**. Imprensa nacional-Casa da moeda, 1982.
- LIND, George e COELHO, Jacinto. **Páginas de estética e teoria literária**. Lisboa: Estudos Portugueses. 1994.
- LIND, George. **Estudos sobre Fernando Pessoa**, Lisboa Estudos Portugueses. 1988.
- LOURENÇO, Eduardo. Fernando Pessoa: rei da nossa Baviera. Lisboa: Gradiva. 2008. “Dois fins de século”. In: **O canto de signo**. Lisboa: Editora Presença, 1994. LOPES, Óscar;
- MARCUSE. Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Trad. ÀLAVARO Cabral. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- NASCIMENTO, Josyane Malta. **A memória como cacoc: Infância e resistência em Boitempo**. Dissertação de Mestrado em Letras (área de concentração: Teoria de Literatura), apresentada à UFJF, 2º. Semestre de 2007.
- PAZ, Octavio. Fernando Pessoa, o desconhecido de si mesmo. Vega, 1988 “Poes Inconjuntos”. In: **Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa**. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro**. Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
- PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- PESSOA, Fernando; MARTINS, Fernando Cabral; ZENITH, Richard. **Teoria da heteronímia**. Assírio & Alvim, 2012.

SARAIVA, António José; NEVES, Leonor Curado. **História da literatura portuguesa**. Porto Editora Multimedia, 2001.

SARAMAGO, JOSÉ. **O ano da morte de Ricardo Reis**. Editora Companhia das Letras, 1988.

SEABRA, José, Augusto. **Fernando Pessoa ou Poetodrama**. São Paulo, perspectiva: 1974.